



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**


---

**JOSEANE APARECIDA DE SOUZA FRANCISCO**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A ORIENTAÇÃO  
DO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS: LINGUAGENS” PARA O 7º ANO E A  
MEDIÇÃO DO PROFESSOR**

---

Campo Grande/MS  
2018

	 <p style="text-align: center;"><b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</b></p>
<p style="text-align: center;"><b>J. A.S. FRANCISCO</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>JOSEANE APARECIDA DE SOUZA FRANCISCO</b></p>
<p style="text-align: center;"><b>VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A ORIENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS: LINGUAGENS” PARA O 7º ANO E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A ORIENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS: LINGUAGENS” PARA O 7º ANO E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR</b></p>
<p style="text-align: center;"><b>2018</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>Campo Grande/MS 2018</b></p>

**JOSEANE APARECIDA DE SOUZA FRANCISCO**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A ORIENTAÇÃO  
DO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS: LINGUAGENS” PARA O 7º ANO E A  
MEDIÇÃO DO PROFESSOR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras\_PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador(a): Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa

Campo Grande/MS  
2018

**JOSEANE APARECIDA DE SOUZA FRANCISCO**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A ORIENTAÇÃO  
DO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS: LINGUAGENS” PARA O 7º ANO E A  
MEDIÇÃO DO PROFESSOR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa  
(Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do  
Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Onilda Sanches Nincao (Titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do  
Sul/UEMS

---

Cleonice Candida Gomes Leite – Suplente Externo  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Profa. Dra. Maria Leda Pinto – Suplente Interno  
Universidade Estadual de Mato Grosso do  
Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 18 de setembro de 2018.

Aos meus filhos, Ricardo e Davi por serem minhas fontes de inspiração;

Ao meu esposo, Juliano, por estar sempre me apoiando em minhas lutas;

À minha mãe querida, pela cumplicidade, dedicação e carinho.

Ao meu pai, por ser um sonhador incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata a Deus pela minha vida, por me dar saúde e energia para acordar todos os dias com a confiança que vale a pena lutar e ter esperança no amanhã;

À minha família, motivo do que sou;

Aos meus irmãos, pelo apoio e as boas conversas;

Às minhas amigas, pelo carinho e aconchego quando precisava mudar o foco;

À professora Naty, pela paciência, orientação e amizade;

Aos amigos de turma, pelos dias animados que tivemos durante nossas aulas. Nunca esquecerei a cumplicidade, amizade e alegria de cada um.

Aos professores Aline, Fábio, Adriana, Eliane, Nataniel, Daniel e Ruberval, por terem estado conosco e nos oferecido o melhor.

.

## Aula de Português

A linguagem  
na ponta da língua,  
tão fácil de falar  
e de entender.  
A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

(Carlos Drummond de Andrade)

FRANCISCO, J.A.S. *Variação linguística no ensino fundamental: a orientação do livro didático “Português: linguagens” para o 7º ano e mediação do professor: 2018.* 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo voltado para o ensino de língua portuguesa, dentro dos princípios da sociolinguística, tendo como enfoque a heterogeneidade da língua, o preconceito linguístico e a valorização das múltiplas formas de se manifestar na língua materna que deve ser compreendida como heterogênea, em que o falante real, num determinado contexto social, utiliza sua variante, formada a partir de um espaço geográfico, considerando fatores históricos, classe social, idade, sexo, escolaridade que constituem sua identidade. Nesse sentido, toma como *corpus* o livro didático do 7º ano e uma sequência didática sobre a produção textual do gênero entrevista oral, apresentando os seguintes objetivos: (i) averiguar se o livro didático “Português: linguagens” do 7º ano do ensino fundamental dos autores Cereja e Magalhães aborda o tema variação linguística e de que forma o faz, tendo em vista o uso do livro didático como principal material de apoio aos professores, no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula; (ii) propor uma intervenção didática a partir dos resultados da análise do livro didático, com a finalidade de os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística. Os protagonistas desse trabalho foram os alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Prof. Licurgo de Oliveira Bastos de Campo Grande – MS. Como resultado dessa pesquisa, espera-se que os alunos construam conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar as outras variantes.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação e ensino. Livro didático.



FRANCISCO, J.A.S. *La variación lingüística en la enseñanza fundamental: la orientación del libro de texto "Portugués: idiomas" para el séptimo año y la mediación del maestro*: 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMEN

En este trabajo se presenta un estudio dirigido a la enseñanza del idioma portugués, dentro de los principios de la sociolingüística, teniendo como enfoque la diversidad de la lengua, la lucha contra la discriminación lingüística y la valoración de las múltiples formas de manifestar en la lengua materna, entendida como en el que el hablante real, en un determinado contexto social, utiliza su variante, formada a partir de un espacio geográfico, considerando factores históricos, clase social, edad, sexo, escolaridad que constituyen su identidad. En este sentido, toma como corpus del libro enseñanza de séptimo grado y una secuencia didáctica de la producción textual del género de entrevista oral, presentando los siguientes objetivos: (i) determinar si el libro "portugués: idiomas" del séptimo año de enseñanza de los autores Cereza y Magalhães aborda el tema variación lingüística y de qué forma lo hace, teniendo en vista el uso del libro didáctico como principal material de apoyo a los profesores, en el proceso de enseñanza y aprendizaje en el aula; (ii) proponer una intervención didáctica a partir de los resultados del análisis del libro didáctico, con la finalidad de que los alumnos construyan conceptos acerca de la variación lingüística. Los protagonistas de ese trabajo fueron los alumnos del 7º año de la enseñanza fundamental de la Escuela Prof. Licurgo de Oliveira Bastos. Como resultado de esta investigación, se espera que los alumnos construyan conceptos acerca de la variación lingüística, para llegar a ser más competentes en el uso de las variedades prestigiosas, sin menospreciar las otras variantes.

**Palabras clave:** Sociolingüística. Variación y enseñanza. Libro didático.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
1.1. Um percurso histórico da sociolinguística .....	15
1.2. Classificação da variação linguística .....	19
1.2.1. Variação diacrônica .....	19
1.2.2. Variação diatópica .....	20
1.2.3. Variação diastrática .....	20
1.2.4. Variação diamésica .....	21
1.2.5. Variação diafásica .....	21
1.3. As contribuições da sociolinguística para o ensino da língua portuguesa no Brasil .....	22
1.4. Escola e PCN : uma reflexão sobre a variação linguística .....	26
1.5. Por uma pedagogia da variação linguística .....	30
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>35</b>
2.1. Planejamento de ações .....	35
2.2. O perfil da escola e dos alunos .....	35
2.3. Justificativa da escolha do <i>corpus</i> .....	36
2.4. Análise do livro didático .....	37
2.4.1. Proposta de intervenção didática .....	37
2.5. Objetivos da pesquisa .....	38
<b>3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>39</b>
3.1 Breve histórico de Políticas Públicas do Livro Didático no Brasil .....	39
3.2. Programa Nacional do Livro Didático .....	43
3.3. Análise do livro didático “Português: linguagens” do 7º ano do ensino Fundamental .....	45
3.3.1 Descrição da estrutura e organização da obra.....	45
3.4. O livro didático e a abordagem sobre variação linguística .....	46
3.5. Terminologia adotada pelo livro didático .....	47
3.6. A abordagem da variação nos fenômenos gramaticais .....	48
3.7. Oralidade x Escrita .....	53

<b>4 A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA ORAL .....</b>	<b>57</b>
<b>4.1. A sequência didática como recurso de aprendizagem .....</b>	<b>57</b>
<b>4.2. A organização da sequência didática .....</b>	<b>58</b>
<b>4.3. . O gênero entrevista .....</b>	<b>59</b>
<b>4.4. A entrevista oral realizada pelos autores da coleção do livro didático “Português: linguagens”: apresentação do tema aos alunos .....</b>	<b>61</b>
<b>4.4.1. Produção inicial da entrevista oral .....</b>	<b>64</b>
<b>4.4.2. A entrevista do <i>rapper</i> Projota e do cartunista Laerte: estabelecendo as semelhanças e diferenças entre elas na perspectiva da variação linguística.....</b>	<b>65</b>
<b>4.4.3.. Produção final de uma entrevista oral .....</b>	<b>69</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

Apesar de os documentos oficiais, que servem de suporte para elaboração das diretrizes educacionais e projetos políticos pedagógicos, proporem como alguns dos objetivos do ensino da Língua Portuguesa, o reconhecimento e o respeito às variedades linguísticas, ao investigar o que está sendo ofertado no ensino de língua portuguesa no Brasil, como língua materna, notam-se crenças e posturas cristalizadas, ancoradas em uma concepção de língua homogênea, tendo como referência a norma-padrão. Tal postura, desconsidera as contribuições dos estudos sociolinguísticos, em relação às variedades linguísticas no ensino do português, contribuindo para uma sociedade permeada de preconceitos.

Assim, esses conceitos homogeneizadores da língua escrita, entendida como norma-padrão, relegam a variação e a diversidade ao lugar estereotipado, sob a crença que existe uma única norma. Isso resulta em uma cultura de substituição da variedade linguística do aluno e não a desejável ampliação de seu repertório. (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014, p. 7) Por esse mesmo viés, Bortoni-Ricardo (2005) salienta que a sociedade brasileira, incluindo todos os níveis sociais, ratifica essa crença ao cultuar o português padronizado nas gramáticas, dicionários e na literatura, considerado como culto, padrão, belo e correto. Dessa forma, desde o cidadão de nível superior, erudito até o trabalhador sem escolaridade veem com “bons olhos” a norma culta. Ao desprezar o que não está convencionado como norma nas gramáticas, exclui o aluno advindo das camadas menos prestigiadas da sociedade e gera um sentimento de insegurança na sua forma de se comunicar e interagir com a linguagem, a partir do momento em que foge às estruturas conhecidas como “corretas” e traz moldes estigmatizados da linguagem “não padrão”.

Diante esse cenário, o professor pode contribuir, conforme Bagno (2003), para reforçar essa ideologia de uma língua com apenas uma variedade, a culta, padrão, assim denominada pelos puristas ou assumir uma postura mais democrática em relação ao uso da língua que permita aos alunos utilizar a língua em diferentes modalidades e em diversos registros, adequando-as às mais variadas situações de comunicação.

Tendo em vista as contribuições da sociolinguística em relação ao ensino do português e o reconhecimento das variações linguísticas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nota-se que o professor de língua portuguesa ainda confunde ensino

da língua materna com ensino de gramática, tornando suas aulas, descrições de regras gramaticais.

Além disso, o livro didático, principal material de apoio do professor, aborda de maneira superficial o tratamento da variação linguística. Em alguns casos, disponibiliza alguns capítulos sobre as variantes, porém, reforça nos capítulos posteriores, os preceitos da gramática tradicional, baseado no conceito do certo e errado, de compreender a língua escrita como formal e a oral como informal, dentre outros.

Tais fatos implicam em mudança de postura do professor, ao assumir que a língua materna possui variantes que são usadas por grupos linguísticos, com características específicas em contextos diferentes, conduzindo o aluno a refletir sobre a Língua Portuguesa como sua língua e suas modalidades, que podem ser usadas desde situações mais íntimas até aquelas que necessitam de um maior cuidado com as normas.

Assim, dentro dos princípios da sociolinguística educacional, as variedades não padrão também devem ser consideradas nas aulas de língua portuguesa, para que ocorra uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística de nossa sociedade, tendo em vista a relação entre língua e sociedade, as influências histórica-sociais e o caráter heterogêneo desse fenômeno linguístico, em que falantes de diferentes variantes interagem entre si.

Por isso, amparando-nos nos conhecimentos da sociolinguística e na sociolinguística educacional sobre as variedades linguísticas, foi realizada uma reflexão sobre a heterogeneidade da língua, o preconceito linguístico e valorização das múltiplas formas de se manifestar na língua materna, tendo em vista os seguintes objetivos: (i) averiguar se o livro didático “Português: linguagens”, do 7º ano do ensino fundamental, dos autores Cereja e Magalhães, aborda o tema da variação linguística e de que forma o faz, considerando o uso do livro didático como principal material de apoio aos professores, no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula; (ii) propor uma intervenção didática a partir dos resultados da análise do livro didático, com a finalidade de os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar a variante deles.

Para análise da abordagem referente à variação no livro didático “Português: linguagens”, de Cereja e Magalhães (2015), coleção escolhida pela maioria dos professores da rede municipal de Campo Grande-MS para o triênio 2017-2018-2019,

segundo fontes da SEMED<sup>1</sup>, foi utilizado um roteiro, adaptado da obra “Nada na língua é por acaso” de Marcos Bagno, publicado em 2007.

A escolha pelo volume da obra referente ao 7º ano justifica-se por atender ao objetivo do Programa de Mestrado Profissional em Rede - Profletras de que se desenvolva a intervenção didática em turmas com as quais o mestrando atua.

O espaço desta pesquisa-ação, a Escola Municipal Licurgo de Oliveira Bastos, escolhida para intervenção didática, foi fundada em 1980 e está situada na região periférica de Campo Grande - estado de Mato Grosso do Sul. Nesta escola, são desenvolvidas atividades em 32 salas de aula no período matutino e 32 salas de aula no período vespertino, atendendo um total de 1.738 alunos. Esta unidade educacional vem melhorando o desempenho segundo os indicadores educacionais, dentre eles (IDEB)<sup>2</sup>, divulgado a cada dois anos.

Este trabalho está organizado nas seguintes etapas. O capítulo 1 apresenta a fundamentação teórica, na qual é explicitado um breve percurso histórico da sociolinguística e suas implicações para o ensino da língua materna. Além disso, realizou-se um recorte do tema sociolinguística, focando as contribuições dessa área no ensino de língua portuguesa no Brasil, evidenciando a mudança de postura da escola e do professor diante da língua e do aluno real. O capítulo 2 perpassa pelas questões políticas do livro didático e como ele foi se legitimando ao longo do tempo. Também está voltado para a análise do livro didático dos autores Cereja e Magalhães (2015) tendo como referência a fundamentação teórica da Sociolinguística, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e o roteiro sugerido por Bagno (2007). No capítulo 3 é apresentado o método da pesquisa do presente trabalho, desde as etapas da realização da pesquisa, justificativa da escolha do livro didático, questões norteadoras para a análise do livro didático, etapas da sequência didática, objetivo geral e os objetivos específicos. O capítulo 4 refere-se à descrição da proposta de sequência didática e a conclusão sobre os resultados obtidos na intervenção didática. Por fim, seguem as considerações finais, referências e anexos.

---

<sup>1</sup> SEMED- Secretaria Municipal de Educação.

<sup>2</sup> IDEB -Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

## CAPÍTULO 1

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão abordados alguns referenciais teóricos que embasam esta pesquisa, além de conceitos relacionados à variação linguística que serão utilizados mais adiante na análise do *corpus*. Para isso, os estudos apresentados tem como ponto de partida o surgimento da linguística moderna com Ferdinand de Saussure, perpassando por outros teóricos importantes para compreensão da Sociolinguística.

#### 1.1 Um percurso histórico da sociolinguística

Conforme Calvet (2002) a linguística moderna surgiu a partir de Ferdinand de Saussure, com a publicação de seus estudos sobre a língua, por seus alunos, após a sua morte em 1916, do *Curso de linguística geral*. Nessa obra, denominada linguística estruturalista, são apresentadas algumas dicotomias, das quais podemos destacar a oposição entre *langue* e *parole*, dessa forma, *langue* no sentido de língua, designa todas as regras padrões de formação que estão por trás dos enunciados de uma língua. O termo *parole* no sentido de fala, está relacionado aos enunciados reais.

Além dessas dicotomias apresentadas, Saussure (2006, p. 21) faz algumas afirmações como língua “é a parte social da linguagem” ou “a língua é uma instituição social”, porém considera como objeto de estudo dos linguistas “a língua por si e em si mesma”, essa estrutura padrão, abstrata que se distingue dos enunciados reais, produzidas pelo falante.

Tal posição estruturalista, que não considera os fatores sociais e históricos da língua, leva o linguista francês Antoine Meillet (1866 a 1936), considerado discípulo de Saussure, a se distanciar de seu “mestre” por considerar em suas várias publicações, o caráter social da língua, além de outras concepções, que são contraditórias às ideias saussureanas. Nesse sentido, desde o surgimento da linguística moderna e quase meio século depois, nota-se que andam em paralelo sem se encontrarem, dois discursos: um que tem como enfoque a estrutura, a forma da língua, e outro que considera a língua e suas funções sociais.

Concomitantemente a esses teóricos supracitados, surgem concepções pautadas, mesmo que de maneira primária, às ideias marxistas. Sob essa ótica, vale ressaltar Paul

Lafargue, genro de Marx, que em 1894 publicou seus estudos realizados sobre o vocabulário francês, “antes e depois da Revolução”, atribuindo às mudanças, ditas consideráveis, aos fatos políticos. Assim, esses estudos podem ser vistos como a primeira tentativa de aplicar uma análise sociológica aos fatos da língua.

Também com a ascensão da URSS, surgem textos, considerados pelo autor como inovadores ou extravagantes. Assim, temos Nicolai Marr (1864 a 1934) que bem antes da ascensão do comunismo, elabora teorias extravagantes, como a teoria das línguas jafética, na tentativa de aplicar ideologias marxistas, mesmo que de forma primária. Marr postula que todas as línguas do mundo possuem uma origem comum. Isso significa que a princípio a comunicação se dava por gestos, posteriormente houve uma difusão de quatro sílabas fônicas que se expandiram, dando origem às inúmeras línguas. Seguindo os princípios de que as línguas refletem a luta de classes, acreditava que com o advento do socialismo no mundo, surgiria uma única língua, assim, militava por uma língua artificial mundial, por uma questão mais ideológica do que linguística. Essa concepção, denominada *a nova teoria linguística*, ganhou amparo do poder da URSS e foi difundida mesmo após a morte de Marr.

Nesse mesmo cenário, de acordo com Calvet (2002) pode-se destacar um grupo de pesquisadores, tendo como representante Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Valentin Volochinov (1895- 1930) cujas duas obras publicadas, fazem uma crítica a Freud e a Saussure. Sobre Freud, salienta a falta de uma teoria da linguagem e Saussure não soube ver que o signo linguístico é o lugar da ideologia. Em relação aos destinos desses dois teóricos, vivendo em um regime socialista, em que os contrários às ideias postuladas na *nova teoria linguística*, iam para Sibéria para os campos de trabalhos forçados, sabe-se que Bakhtin publicara suas obras sobre Dostoievski e Rabelais, sem nenhum eventual problema, mas Volochinov, sumira nos campos de trabalhos forçados na Sibéria, principalmente por ter publicado seu segundo livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929).<sup>3</sup>

Porém, nos anos de 1970, surgiram rumores de que Volochinov e outro membro do grupo, não tenham escrito nenhuma das obras publicadas em seus nomes, mas sim,

---

<sup>3</sup> O fio condutor dessa obra são os questionamentos: sendo o signo e enunciação de natureza social, em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental; em que medida a ideologia determina a linguagem? Também critica o objetivismo abstrato de Saussure, ou seja, valoriza a fala, a enunciação e afirma a natureza social e não individual da língua.



emprestando-os para proteger seu “mestre”, Bakhtin. Por fim, num caráter mais político do que linguístico, Stálin põe fim à teoria de Marr, declarando que a língua não tem caráter de classe e não é uma superestrutura.

Foi a partir das pesquisas publicadas em inglês, que a sociolinguística moderna, pode se manifestar, tendo Basil Bernstein, especialista em sociologia da educação, como o primeiro a considerar as produções linguísticas reais e a situação sociológica do falante. Nesse sentido, por meio da análise das produções linguísticas das crianças, constata que crianças de origem humilde apresentam mais fracasso escolar do que crianças que têm uma vida abastada. Apesar de seus estudos terem sido criticados, principalmente por Labov<sup>4</sup>, considerando que Bernstein não descreveu de verdade os códigos e sim estilos, sua contribuição foi essencial para a virada na história da sociolinguística rumo a uma concepção social da língua.

William Bright também contribuiu de forma significativa para a formatação dessa sociolinguística moderna. Nesse sentido, em 1964, por sua iniciativa, houve um encontro em Los Angeles de pesquisadores sobre a sociolinguística. Portanto, numa tentativa de sintetizar as diferentes contribuições dos estudiosos, declara que a sociolinguística não é de fácil definição, também elucida que a definição de que seus estudos estão voltados para a relação entre sociedade e linguagem é vaga e acrescenta que uma das tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou diversidade não é livre. Para os fatores que condicionam a diversidade linguística, o estudioso apresenta três situações: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto. Assim, esse encontro em 1964 marca uma nova forma de fazer linguística, contrária à gramática gerativista, a Chomsky.

O linguista americano William Labov compartilha das ideias de Meillet, em suas pesquisas, acreditando que “é preciso buscar a explicação das irregularidades das variações linguísticas nas flutuações da composição social da comunidade linguística”, como a pesquisa que apresentava exemplos fonológicos da influência negra sobre o falar de Nova York, dentre outros estudos que denotam a influência de seu antecessor, ficando mais evidente esse comungar de ideias, ao declarar “Para nós, nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela

---

<sup>4</sup> Willian Labov foi um dos principais autores a tratar da variação linguística. Em meados da década de 60, esse estudioso introduziu novas questões sobre a heterogeneidade da língua.

comunidade linguística”. Essa afirmação trata do princípio que não se pode diferenciar uma linguística geral que estuda as línguas e uma sociolinguística que estuda os aspectos sociais dessas línguas, em suma a sociolinguística é a linguística. Apesar de os dois teóricos terem comungado muitas concepções sobre a língua, vale observar que os estudos de Meillet estão voltados para as línguas mortas, enquanto Labov analisa situações concretas e contemporâneas, de uso da língua, denominada como a “pesquisa variacionista”.

Dessa forma, nos anos de 1970, com as publicações de revistas e artigos sobre a sociolinguística, esta ocupa uma posição de destaque. Os textos que antes eram publicados isoladamente, agora estavam agrupados, após a obra de Brighth, indicando uma nova corrente na linguística, ou seja, a luta por uma “concepção social da língua” estava próxima de ocorrer.

Assim, como uma subárea da linguística, a sociolinguística foi firmada em meados do século XX, influenciada pelo americano William Labov, com a intenção de estudar os fenômenos sócio-históricos da língua, ou seja, observar, analisar e registrar as variantes linguísticas, presentes no vocabulário dos falantes, sem julgar o que é “certo” ou “errado”, “feio” ou bonito” na língua. Monteiro (2000) cita em sua obra intitulada “Para compreender Labov”, que uma das tarefas da sociolinguística é descrever as línguas e sua análise de grupos de indivíduos, observando aspectos sociais que interferem na fala. Neste aspecto, pode-se apontar como exemplo, a pesquisa na comunidade da ilha de Marthas’s e outros estudos que possibilitaram compreensão que há regularidades nas variações da língua falada, buscando sistematizá-las.

De acordo com Mollica (2003) a Sociolinguística tem como principal foco de estudo a língua em uso nas comunidades de fala, principalmente os empregos linguísticos reais heterogêneos. Construída através do tempo, a língua é uma atividade social e passa por mudanças, tanto na oralidade, quanto na escrita, fruto de contatos entre línguas diferentes, culturas distintas e da própria dinamicidade desse veículo de comunicação entre os indivíduos.

Bagno (2007) salienta que essa mudança pode ocorrer em diversos níveis da língua como variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e estilo-pragmática. Além disso, para que haja uma investigação minuciosa sobre esse fenômeno denominado variação linguística, existem fatores extralinguísticos que devem ser levados em consideração, tais como a origem geográfica (a língua varia de um lugar

para outro), o *status* socioeconômico (a maneira de falar pode variar de acordo com o nível de renda de cada pessoa), o grau de escolarização (a realidade linguística de cada indivíduo está relacionada ao acesso maior ou menor à cultura letrada), a idade (há diferença no modo de falar de um adolescente em relação aos seus pais), sexo (mulheres usam recursos como palavras no diminutivo que não é comum nos homens), mercado de trabalho (a profissão favorece um repertório linguístico específico), redes sociais (a interação entre pessoas na rede social, favorece também um repertório linguístico semelhante).

## **1.2. Classificação da variação linguística**

A variação linguística pode ser classificada em variação diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica, diafásica. Essa classificação exposta abaixo servirá como base para a análise do livro didático no capítulo 3 e para análise da entrevista, na intervenção didática no capítulo 4.

### **1.2.1. Variação diacrônica**

De acordo com Ilari (2006, p. 152), variação diacrônica etimologicamente significa “aquela que se dá através do tempo”, ou seja, através do tempo se observa as mudanças que as línguas sofrem. O autor supracitado salienta que a língua possui dois tipos de histórias: a história externa diz respeito à evolução da língua em suas funções sociais e em relação com determinada comunidade linguística, por exemplo, a evolução da língua portuguesa que antes era denominada língua românica. Na história interna, pode-se dizer que está relacionada às mudanças que vem ocorrendo na gramática – fonologia, morfologia, sintaxe – e em seu léxico. A variação diacrônica às vezes é percebida por meio das gírias, comparando gerações. Outro caso que pode elucidar esse tipo de variação é a gramaticalização, por exemplo, o uso do pronome *você* que sofreu uma evolução de *Vossa Mercê*, *Vosmecê* e na sua origem era uma expressão de tratamento, agora assume função de pronome pessoal.

Tais exemplos confirmam que a língua que falamos hoje é o resultado de muitas mudanças ocorridas por meio do tempo. Isso não quer dizer que são mudanças positivas ou negativas, apenas que ela muda.

### 1.2.2. Variação diatópica

Entende-se por variação diatópica as “diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países”, conforme Ilari (2006).

Coelho (2007) cita que se pode observar a variação diatópica de diferentes maneiras:

- (a) pronúncia das palavras (sotaque ou prosódia): no Brasil, há regiões em que a vogal [o] quando átona e em posição pretônica como em (**novela, corrente**) é pronunciada aberta, enquanto em outras é pronunciada fechada [ô].
- (b) escolha das palavras (diferenças no léxico): como no exemplo de mandioca, aipim, macaxeira. Também no uso de tu/você em determinadas regiões.

Segundo a autora, a maioria dos exemplos de variação diatópica, são oriundos do léxico, como apresentam os diversos dicionários regionais. Além desses casos de variação diatópica, existe a variação no falar das pessoas oriundas da zona urbana e rural no Brasil e também das grandes cidades, em áreas socialmente demarcadas.

### 1.2.3. Variação diastrática

De acordo com Ilari (2006), etimologicamente, variação diastrática significa o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos da sociedade, que têm entre si diferenças sociais ou culturais, em decorrência da idade, escolaridade, local de origem etc., população menos escolarizada, dentre elas, na fonética, por exemplo, a queda ou nasalização da vogal átona inicial: *incelença* por *excelência*; monotongação<sup>5</sup> de ditongos crescentes em posição final: *sustança* por *substância*; na morfologia a perda do –s da desinência da primeira pessoa do plural: *nós cantamo*, *nós cantemo* por *nós cantamos*, além de outros casos recorrentes no português brasileiro.

---

<sup>5</sup> Monotongação é o apagamento das semivogais nos ditongos crescentes e decrescentes.

#### 1.2.4. Variação diamésica

A variação diamésica está relacionada com as diferenças que podem ser observadas entre a língua falada e a língua escrita. Conforme Ilari (2006) por muito tempo a escola deu atenção à língua escrita e relegou ao segundo plano a língua falada, por isso criou-se a ideia de que se fala da mesma forma que se escreve. Quando um texto escrito é produzido, há como pensar previamente em sua estrutura. No texto falado são planejados à medida que são produzidos, por isso é comum encontrar neles um grande número de reformulações.

Porém, de acordo com Coelho (2007) não se deve opor fala e escrita como duas modalidades “estaques e dicotômicas”<sup>6</sup>, pois de acordo com o gênero textual, podem-se apresentar textos orais com grau de formalidade maior e textos escritos com grau de formalidade menor. Nesse sentido Marcuschi (2001, p. 41) explica que as estratégias de formulação do falante/redator determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, das seleções lexicais, do estilo, do grau de formalidade etc.

#### 1.2.5. Variação diafásica

Segundo Coelho (2007) a variação diafásica pode ocorrer dentro de um grupo mais homogêneo possível, levando em consideração a mesma época, região, nível social, idade, sexo e profissão dos falantes, ou seja, a maneira como o falante, de forma individual, expressa a língua, de acordo com o grau de monitoramento em determinado contexto. Uma pessoa pode monitorar mais sua fala ou utilizar uma linguagem mais informal, de acordo com o papel social que assume na sociedade. Assim, um professor ao desempenhar sua função, monitora mais sua fala, contudo, em sua casa, numa conversa familiar, faz uso de uma linguagem mais informal. Essa alternância de estilos depende de fatores como tipo de relação com o interlocutor, classe social, idade, sexo etc.

Outro exemplo, de acordo com a autora supracitada, quanto à diferença entre a

---

<sup>6</sup> Segundo Marcuschi (2010) alguns autores ao abordarem a fala e a escrita como sendo opostas, não contemplam os usos e a situação de produção dos discursos.

fala informal X fala informal, independente de outros fatores, é a pronúncia dos verbos no infinitivo, em que na fala coloquial brasileira, geralmente, se apaga o [-r] final, como em bebê, dirigi, pô, e nas situações mais formais se usa beber, dirigir e pôr. Vale salientar que as gírias também são exemplos de variação diafásica, podendo ser utilizadas em situações coloquiais e evitadas em situações formais. Além dos conceitos apresentados, faz-se necessário compreender quais as contribuições da sociolinguística para o ensino da língua portuguesa no Brasil, conforme a próxima seção.

### **1.3. As contribuições da sociolinguística para o ensino da língua portuguesa no Brasil**

A escola, principalmente pública, tem como uma das funções planejar situações de ensino junto aos seus professores para o desenvolvimento de práticas em sala de aula, levando em consideração o aluno real com suas inúmeras formas de se expressar, oriundos de comunidades diferentes e com realidades sociais e culturais distintas.

Dado o exposto

... um dos maiores desafios enfrentados pelo professor de português nos níveis fundamental e médio é qual saber gramaticais devem ser efetivamente acionados na escola. É comum confundir o ensino de português com ensino de uma norma padrão homogeneizadora e abstrata, que em nada se aproxima dos diferentes usos efetivos da língua nas mais variadas situações de expressão sociocultural no país.

Isso leva a dois grandes problemas, correlacionados entre si, que em muito têm prejudicado o ensino de português como língua materna: o preconceito linguístico e a falta de orientação quanto à multifacetada diversidade linguística brasileira a ser considerada em sala de aula. (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014, p. 7).

Além disso, os autores supracitados apresentam outro desafio ao professor, explicitando o que propõem os documentos oficiais em relação à língua materna. Nesse sentido, citam que um dos objetivos da língua portuguesa está relacionado ao respeito e conhecimento das variedades linguísticas do português falado e possibilidade de “utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente” (Brasil, 1997:33), porém os mesmos documentos também elencam como “objetos privilegiados de ensino-aprendizagem” a “língua escrita e o que se tem chamado de norma padrão” (Brasil, 1998: 33).

Diante desse cenário, vale expor alguns conhecimentos que a sociolinguística tem acumulado e podem servir para o professor de português compreender melhor a

realidade linguística de nossos alunos e promover mudanças no ensino. Contudo, primeiramente, faz-se necessário definir quem são nossos alunos. Ao fazer um percurso histórico, nota-se que houve grandes transformações no perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta a escola.

De acordo com Bagno (2007) até meados da década de 60, as escolas eram em números pequenos, frequentadas por alunos de classe média e média alta, oriundos da zona urbana que por sinal falavam variedades linguísticas urbanas, próximo daquilo que os conservadores denominam como norma-padrão. Os professores também pertenciam à mesma classe social e econômica que os alunos, possuíam hábitos de comprar livros, de escrever obras literárias e falavam outras línguas.

Entretanto, a partir da década de 60, a grande maioria da população, oriundas da zona rural, passa a morar nas cidades, causando um acelerado e desordenado crescimento urbano. Tal fato causa inúmeras consequências, dentre elas, a mudança do perfil socioeconômico e cultural dos alunos que frequentam as nossas escolas, pois, os filhos dessas pessoas vindas do campo, com escolaridade mínima ou analfabetas, tinham direito de serem escolarizados. Com isso, aumentaram número de escolas, muitas vezes mal construídas e com insuficiência de materiais e salas de aula superlotadas para atender a essa demanda.

Muitos foram os fatores que mudaram também o perfil socioeconômico e cultural do professor, dentre eles, o achatamento do salário, tornando a profissão desprestigiada. Houve uma diminuição da qualidade do ensino, com isso a classe média e média alta perdeu o interesse no magistério, sendo substituídos por pessoas de origem humilde, na maioria das vezes, filhos daqueles que saíram da zona rural para as cidades, “falantes genuínos do vernáculo brasileiro”.

Devido à mudança do perfil do aluno e do professor de nossas escolas, emergentes são as mudanças de postura de todos, incluindo os órgãos responsáveis para subsidiar o ensino desse alunado, atendendo suas especificidades. Portanto, os estudos voltados para o tratamento da variação linguística da língua portuguesa têm sido de suma importância para amparar o professor de português, bem como, servir de base para elaboração de materiais didáticos, diretrizes curriculares e outros.

Nesse sentido, Martins; Vieira e Tavares (2014) na obra Ensino de português e sociolinguística apresentam alguns conceitos importantes que podem nortear o professor. Primeiro, esclarece que as concepções de norma podem ser estabelecidas

entre a ideal e concreta. A ideal (norma-padrão) está relacionada ao que é subjetivo, idealizado, abstrato, não corresponde a nenhuma situação de uso da língua, pois são regras gramaticais, tendo como referência o português do século XIX, extraído de textos literários, configurando em uma língua artificial, que regulamenta e serve de modelo para um determinado grupo social. A segunda concepção de norma significa o que é normal, usual na prática de situações comunicativas de usuários da língua, de uma determinada comunidade, assim definida por Carlos Alberto Faraco (2008) em sua obra *Norma culta brasileira*. Quando se trata de uma comunidade de fala prestigiada, essas variedades são denominadas norma(s) culta(s) ou variedades cultas, em contrapartida, quando se trata de uma comunidade de fala não prestigiada, essas variedades são denominadas normas populares ou variedades populares.

Outro conceito relevante, citado pelo autor é o que consiste em reconhecer a pluralidade da norma culta, ou seja, compreender as possíveis variáveis dessa variante, descritas em algumas gramáticas e dicionários modernos. Ressalta também, que textos escritos em épocas passadas são essenciais, pois servem para que os alunos observem que hoje o que é considerado “feio”, “errado” já foi norma culta no passado. Isso significa que a língua flui e as transformações ocorrem em todos os níveis fonológico, morfossintático, lexicais influenciadas por questões socioculturais, mas esse fenômeno não caracteriza em dizer que a língua melhora ou piora, ela sofre mudanças.

O mesmo autor ainda esclarece que a variação linguística ocorre também de forma individual. Cada falante pode ajustar seu modo de falar de acordo com situação de interação em que se encontra, de maior ou menor formalidade, de um grau maior ou menor de pressão por parte dos interlocutores, se o ambiente é mais íntimo ou hostil etc. Independente do grau de escolaridade, o monitoramento estilístico ocorre com qualquer indivíduo.

Além desses conceitos apresentados, existem outros que merecem ser evidenciados para uma melhor compreensão e uso dos conhecimentos sociolinguísticos na descrição de uma língua que são as noções de variedade, variável, variante e vernáculo. Dessa forma, variedade consiste no modo de falar a língua, característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica. Para Mollica (2003) variável é a escolha de uma das variantes que se alternam em uma determinada forma linguística, como exemplo, pode-se ressaltar a concordância entre o sujeito e o verbo, em que há possibilidade de encontrar a presença ou ausência da marca de concordância



verbal. Assim, as variantes são diversas formas linguísticas ou alternativas possíveis e do ponto de vista semântico, equivalentes, de se realizar um fenômeno variável.

Porém, nem tudo na língua sofre variação, por exemplo, no nível fonético-fonológico a pronúncia da consoante / f/ diferenças nas múltiplas variedades regionais no Brasil. A autora salienta também que cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Para isso, utiliza-se do vernáculo de cada língua, definição que o linguista norte-americano William Labov atribui à fala espontânea, com menor monitoramento de um determinado grupo linguístico, empregada em situações menos formais.

Esses conceitos básicos acerca da sociolinguística, segundo os autores Coelho et al. (2015) é o mínimo que o professor de língua portuguesa precisa conhecer para propiciar aos seus alunos um ambiente de reflexão sobre a variação linguística, principalmente, tendo em vista o novo panorama que o ensino apresenta e seus desafios. Bortoni-Ricardo (2005) cita que apesar das contribuições da Sociolinguística, as escolas brasileiras são “nordeadas para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”, configurando em uma visão estreita e preconceituosa de olhar a nossa realidade linguística. Ou seja, mesmo diante do novo perfil de alunos, as escolas públicas ainda se apegam aos conceitos conservadores da gramática normativa, tendo como entendimento que a língua é homogênea e há uma única variante, denominada “padrão”, contribuindo para o fracasso escolar desse discente.

Para que esse cenário escolar se transforme, o professor de língua portuguesa, amparado nos pressupostos da sociolinguística, ao se deparar com alunos que possuem como língua materna, variedades populares, faladas no seu bairro, por seus familiares, amigos, deve dar condições para que o aluno possa se manifestar, sem constrangimento ou sentimento de inferioridade, sua variante e ao mesmo tempo ter o conhecimento da variante de prestígio, fazendo uso de uma linguagem mais monitorada, de forma segura.

De acordo com Faraco (2008:193) se esse professor assume o caráter heterogêneo da língua, combate a estigmatização, discriminação e preconceito relacionado ao uso da língua. Para isso, o docente precisa conhecer efetivamente os conceitos referentes à Sociolinguística “para atuar de forma competente na formação

contínua do aluno-cidadão”. Nesse sentido, os PCN<sup>7</sup> estão permeados dos pressupostos teóricos da Sociolinguística e podem contribuir muito para uma revisão e mudança de atitude em relação ao ensino da língua materna, conforme será exposto na seção a seguir.

#### **1.4. Escola e PCN : uma reflexão sobre a variação linguística**

Compreende-se por escola uma instituição com aspectos estruturais que vão do próprio estabelecimento físico aos aspectos burocráticos, como os documentos formulados para o seu funcionamento administrativo e pedagógico. Nesse sentido, documentos que viabilizam orientações educacionais aos respectivos gestores e demais componentes responsáveis pela educação ali desenvolvida, são formulados e propostos por órgãos institucionais, a fim de tornar possível o aprendizado àqueles a que se propõe.

Assim, em 1998, um conjunto de documentos intitulados como Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCN) foi formulado, deliberando normas para a educação, e orientando os professores na busca de novas abordagens e metodologias mais diversificadas para melhor atender as necessidades dos educandos, além de transmitir os princípios da reforma curricular.

De acordo com tal documento os alunos do Ensino Fundamental devem:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

---

<sup>7</sup> PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (PCN's 1998, p.32-33. Versão online)

Em relação ao ensino da língua materna, cabe destacar que a apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), afirma o seguinte:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes

lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1998, p. 15).

Fica evidente que a concepção de língua adotada pelos PCN concebe-a como uma realidade dinâmica e multifacetada. Assim, a língua não pode ser compreendida como algo abstrato, homogêneo e distante dos contextos de usos. Dessa forma, a escola, o professor, principalmente de língua portuguesa, precisam adotar uma postura que nega o mito de que existe uma única forma certa de falar ou escrever e que a escrita é o espelho da fala, pois, quando acreditam que precisam “consertar” a fala do aluno para evitar “erros” na escrita, tais crenças

... produzem uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 26).

Nesse sentido, Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 9), afirmam que:

... dos maiores desafios das aulas de Português diz respeito, sem dúvida, ao tratamento da variação linguística e, fundamentalmente, aos saberes gramaticais – permeados por diferentes normas linguísticas – que devem estar presentes na escola. [...] A multifacetada realidade brasileira em todas as suas expressões socioculturais, reflete-se na produtiva e saudável convivência de diversas variedades linguísticas da vida escolar.

Contudo, a escola, muitas vezes, torna-se um ambiente estereotipado por muitos, que a compreende como um lugar de “correção”, em que os docentes, principalmente os de língua portuguesa, têm por missão ensinar os discentes a “falar corretamente” baseando-se em uma gramática normativa padronizada, e muitas vezes ignorando a variante linguística trazida pelo educando. Tais crenças desconsideram as contribuições da sociolinguística e persistem em levar adiante a noção de “erro”, colocando em conflito as variantes linguísticas reveladas pelos usuários, e todo conhecimento agregado a elas, privilegiando apenas uma forma de expressão reconhecida como norma-padrão.

Essa realidade da maioria de nossas escolas vai de encontro ao que o PCN afirma sobre a variação linguística:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de

uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (PCN's 1998, p.29, versão online)

O reconhecimento das variantes linguísticas é um passo importante no estudo das línguas e na transformação efetiva da realidade escolar no cenário brasileiro. Bagno (2007) faz considerações a respeito dos PCN, reconhecendo importantes mudanças na “concepção de ensino da língua nas escolas brasileiras”, e no “impacto positivo” dessa concepção. Esse autor, também pontua algumas ressalvas, indicando dois amplos problemas:

- (1) a resistências das pessoas muito apegadas às concepções antigas e a prática convencionais de ensino;
- (2) a falta de formação adequada das professoras para lidar com todo um conjunto de teorias e práticas que até então jamais tinham aparecido como objetos e objetivos do ensino de português.

Em relação ao primeiro problema, conforme afirma o mesmo autor, o apego às normas gramaticais sem levar em consideração a nossa realidade linguística, não auxilia em nada em um ensino “democrático e formador de cidadãos”. Por outro lado, negar a importância dessa padronização, como uma forma de se ter ascensão social para maioria de nossa população que pertence às classes populares, representa negar o direito do cidadão de utilizar uma variante de forma mais monitorada, dependendo do contexto que está vivendo. Assim, a melhor forma de tratar essas questões na escola é buscar o equilíbrio entre o ensino do português, considerando essas duas situações, ou seja, não negar o valor social que a língua escrita possui de nossa sociedade e muitos menos desconsiderar as várias formas de manifestar a nossa língua.

Para isso, faz-se necessário que o professor de português tenha conhecimento dos pressupostos da sociolinguística, mas nem sempre o docente possui uma formação adequada para utilizar as teorias e práticas relacionadas aos estudos voltados para a variação linguística. Teorias essas que influenciaram documentos como os PCN, porém, passados quase vinte anos de sua vigência, a escola ainda não fez uso adequado desse

documento e o professor continua sem conhecer profundamente a linguagem e seu funcionamento na sociedade, para poder fazer as intervenções em sala de aula.

De acordo com Faraco (2008) o fato de os Parâmetros Curriculares Nacionais incluírem essa temática para ser abordada em sala de aula, representa um avanço, considerando que antes simplesmente a escola tradicional se negava a discutir tal tema, porém ainda não se conseguiu construir uma pedagogia da variação linguística no espaço escolar, de forma aprofundada, nos livros didáticos e nas avaliações como ENEM<sup>8</sup> e o SAEB<sup>9</sup>. Tal fato se explica, talvez porque ainda a sociedade não discutiu de forma suficiente a nossa heterogeneidade linguística, nem o preconceito que essa não discussão pode acarretar.

Na próxima etapa deste trabalho será realizada uma reflexão sobre a pedagogia da variação linguística e sua contribuição para o ensino da língua.

### **1.5. Por uma pedagogia da variação linguística**

O professor de português deve ter o entendimento que qualquer falante da língua portuguesa, independente do grupo social ao qual pertence, ao se expressar será avaliado. Sendo assim, “as expressões linguísticas, efetivamente utilizadas por um grupo de falantes são avaliadas como prestigiosas (bonitas, corretas, agradáveis) ou desprestigiosas (feias, erradas, desagradáveis)”. (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014, p. 7).

Dessa forma, Labov (1972) salienta que

“Há fatos linguísticos que não recebem avaliação de determinada comunidade de fala e são usados de forma inconscientes (indicadores); há outros que recebem positiva/negativa a depender do contexto em que estão inseridos, de modo que situações mais formais acabam por alterar a opção do falante (marcadores); e outros, ainda que sempre recebem avaliação no nível absoluto da consciência do falante, de modo que constituem traços estigmatizantes (estereótipos). (LABOV, 1972, p. 12)

Portanto, cabe ao docente de língua portuguesa conhecer o perfil das variantes que lida diariamente nas produções de seus alunos como o objetivo de orientá-los,

levando os alunos a se adequarem aos textos que produzem, reconhecendo que há usos

---

<sup>8</sup> ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio.

<sup>9</sup> SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica

linguísticos, às vezes, distantes da sua comunidade de fala. Para isso será necessário, conforme, Bortoni-Ricardo (2004) que o professor domine o contínuo de normas que pode ser comparado com três linhas imaginárias. O primeiro é o contínuo de urbanização:

Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo influência de codificação linguística, tais como definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição dos dicionários e gramáticas (...) No espaço entre eles fica uma zona *rurbana*. Os grupos rurbanos pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

Para identificar em que ponto dessa linha um falante do português brasileiro está, segundo a autora supracitada, deve-se levar em consideração a região onde ele nasceu ou vive. Assim, alguém nascido e criado em área rural isolada, situará no polo rural do contínuo e conseqüentemente, seu modo de falar será bastante diferente daqueles que passaram a maior parte ou a vida toda em áreas urbanas e pertencem à cultura letrada. Da mesma forma, haverá também esse distanciamento entre o grupo de falantes *rurbanos* e os urbanos.

No contínuo de oralidade-letramento, a distinção consiste em lembrar que eles estão relacionados a eventos, mediados ou não, pela língua escrita, denominados eventos de letramento e eventos de oralidade. Assim, no polo do letramento estão aqueles que se apoiam em um texto escrito para se comunicarem, que pode ter sido estudado ou lido antecipadamente, por exemplo, o padre ao proferir um sermão já tem um roteiro prévio. Uma conversa em família pode ser considerada um evento de oralidade, conforme Bortoni-Ricardo (2004a)

O contínuo de monitoração estilística está relacionado a situações em que o falante faz uso de estilos mais monitorados, com planejamento e atenção maior ao se comunicar, ou utilizar uma linguagem mais espontânea que não exige monitoramento. Cada situação descrita acima depende “do ambiente, do interlocutor e do tópico da conversa”, podendo a conversa ser mais monitorada/formal ao menos monitorada/informal, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004b).

Amparados por esses conhecimentos, cabe o questionamento de como o professor pode interferir diante dos “erros de português”<sup>10</sup> do aluno sem anular sua variante, levando em consideração, de acordo com Silva (2004), que a maioria dos professores de língua portuguesa não possui uma formação sociolinguística adequada, limitando suas aulas a correção ortográfica, pontuação, disposição gráfica do texto escrito etc., relegando o caráter heterogêneo da língua em detrimento de uma única norma, denominada padrão.

Faraco (2008) esclarece que fazer uma reflexão sobre a língua e seu funcionamento é um processo importante no domínio da fala e da escrita de forma fluente, do aluno, porém critica a gramatiquice, compreendida como um estudo da gramática, desarticulada do uso da norma culta, descontextualizada, reduzida a uma lista de conteúdos apresentadas nas aulas, de maneira não funcional. Também critica o normativismo que consiste no estudo da norma culta como única forma de se manifestar na língua, engessada, não levando em consideração a fluidez da língua, pois apesar de constituir uma característica unificadora, dentre as variantes, seu uso pode ser considerado adequado em situações monitoradas de fala e de escrita. Além disso, o estudo da língua portuguesa não se encerra apenas na ampliação do domínio da fala e da escrita, é importante também o aluno pensar sobre a língua como parte de sua identidade.

Assim, para o autor, o ideal seria fazer uma reflexão gramatical sem gramatiquice e estudar a norma culta sem normativismo. Para que isso ocorra, deve-se pensar em uma nova pedagogia para o ensino do português, pois apesar do escasso material de apoio ao professor sobre esses conhecimentos da sociolinguística, alguns autores já produziram materiais para que o docente possa desenvolver um ensino da variação linguística no ambiente escolar, principalmente público, em que a maioria dos alunos faz uso da variedade popular.

Em relação aos autores que contribuíram para o desenvolvimento desse ensino, vale ressaltar a autora Bortoni-Ricardo (2004) que propôs uma ramificação dentro da Sociolinguística denominada Sociolinguística Educacional, com o propósito de conduzir de modo mais sistematizado as contribuições da Sociolinguística ao ensino e a

---

<sup>10</sup> Para a autora Bortoni-Ricardo (2006) o que a sociedade chama de “erro” na fala das pessoas a Sociolinguística considera tão somente uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte



aprendizagem do português brasileiro. Dialogando com o que Erickson (1987) definia como “pedagogia culturalmente sensível”, estes conceitos vão ao encontro do que Faraco (2015) denomina como “pedagogia da variação linguística”, defendendo que é possível desenvolver um ensino de língua portuguesa no Brasil que considera as variedades linguísticas que os alunos trazem de suas experiências, fora do ambiente escolar, como legítimas, e que lhes ensine as variedades cultas da língua, a fim de que possam ampliar sua competência comunicativa<sup>11</sup>.

Segundo Cyranka,

É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador de transmissão de conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares. (CYRANKA, 2015, p. 38)

Destarte, ao criar um ambiente de aprendizagem dialógico e não de transferência de conteúdo, está dando voz aos alunos, pois conforme Bakhtin (2006) “o homem se constitui pela linguagem”, tal direcionamento, na educação, muda o olhar do professor diante do que ensinar e como ensinar em relação ao ensino do português brasileiro.

Além disso, é necessário questionar para quem ensinar, traçando um perfil etnográfico dos alunos, que nas escolas públicas brasileiras, podem carregar traços intermediários do contínuo de urbanização e rural, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004: 52). Isso significa que parte dos alunos são falantes *rurbanos*, por seus antecedentes possuírem uma herança na cultural rural, assim, apropriam-se de termos deste contínuo (rural), denominado traços descontínuos como, por exemplo, o rotacismo (claro / [craro]), o apagamento do r final (lugar/ [luga]) que geralmente é estigmatizado pela sociedade letrada, mas também apresentam traços graduais, utilizados pela maioria dos falantes urbanos, por exemplo, a oração adjetiva cortadora (O livro ø que eu gostei).

Conforme Cyranka (2015) a realidade das aulas de português sustentada no sistema tradicional, com base no ensino descritivo e prescritivo da gramática, há muito tempo tem contribuído para os resultados negativos nas avaliações de desempenho

---

<sup>11</sup> Competência comunicativa como propõe Dell Hymes e Bortoni-Ricardo retoma (2004: 73) [...] “não inclui só regras que presidem à formação das sentenças, mas também as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala”.

escolar (SAEB, Prova Brasil), além dos exames que permitem a entrada nas universidades. Diante desse cenário, nota-se que esse ensino, consolidado na época em que uma minoria, oriunda das classes sociais mais privilegiadas, frequentava as cadeiras escolares, precisa, atualmente, ser reinventado para atender o novo perfil de alunos, advindo das classes menos privilegiadas, utilizando para se expressar, as variantes populares. Significa repensar o ensino de língua portuguesa na perspectiva da pedagogia da variação linguística. Nessa perspectiva, cabe ao professor reconhecer a realidade linguística do aluno como algo consolidado, usando a reflexão gramatical para o desenvolvimento do discente como leitor/produtor de texto crítico, maduro e autônomo.

## **CAPÍTULO 2**

### **METODOLOGIA**

Este capítulo explicita o *corpus* analisado e a metodologia adotada para a realização desta pesquisa. Para investigar como é feita a abordagem da variação linguística no livro didático, foi selecionada a obra “Português: linguagens” do 7º ano do ensino fundamental. A escolha pelo volume da obra, referente ao 7º ano, justifica-se por atender ao objetivo do Programa de Mestrado Profissional em Rede - Profletras de que se desenvolva a intervenção didática em turmas com as quais o mestrando atua.

#### **2.1. Planejamento de ações**

A pesquisa está organizada nas etapas elencadas abaixo:

- I. Identificação do ano escolar a ser aplicada a pesquisa.
- II. O perfil da escola e dos alunos.
- II. Escolha do livro didático a ser analisado.
- III. Análise do livro didático com base nos objetivos propostos.
- IV. Descrição dos critérios para análise do livro didático.
- V. Escolha do tema da intervenção didática.
- VI. Planejamento da intervenção didática.
- VII. Forma de execução da proposta de sequência didática.
- VIII. Reflexão linguística a partir da execução do tema proposto na sequência didática.

#### **2.2. O perfil da escola e dos alunos**

A Escola Municipal Professor Licurgo de Oliveira Bastos, espaço escolar escolhido para a construção de uma pedagogia da variação linguística, está situado em uma região periférica de Campo Grande e é considerada uma das maiores escola da região. Fundada em 1980, possui 32 salas por turno, incluindo a sala de recurso, laboratório de informática, matemática e informática, totalizando 1738 alunos.

O corpo discente é constituído de alunos, em sua maioria, oriundos de famílias que têm ascendentes rurais, possuem baixa escolaridade e são profissionais de baixa

renda, de modo que, para muito dos alunos, a escola propicia o primeiro contato com a norma culta. Neste sentido, os discentes são usuários da variedade *rurbana*, apresentando traços graduais e descontínuos em sua fala<sup>12</sup>. Assim, a vivência desses alunos na escola nem sempre é harmoniosa, em se tratando de uma tradição escolar que na maioria das vezes não está preparada para atender efetivamente este público.

### **2.3. Justificativa da escolha do *corpus***

A opção por investigar como se dá a abordagem da variação linguística no livro didático “Português: linguagens” de Cereja e Magalhães (2015) ocorreu por ter sido a coleção escolhida pela maioria dos professores da rede municipal de Campo Grande-MS, para o triênio de 2017-2018-2019, segundo fontes da SEMED (Secretaria Municipal de Educação).

Anterior a realização da escolha da coleção a ser adotada em cada escola do município, houve na secretaria municipal de educação – SEMED, uma formação com os técnicos do NUF- Núcleo do Ensino Fundamental da área de língua portuguesa, no intuito de analisar as obras aprovadas no guia oficial do MEC referente ao Programa Nacional do Livro Didático-PNLD 2017. Assim, cada professor de língua portuguesa, presente na formação, pôde fazer uma reflexão sobre as resenhas apresentadas a respeito dessas coleções e por fim decidirem, sendo que mais de 80% dos discentes da rede municipal (segundo dos dados do Núcleo de Tecnologia Educacional/ SEMED) optaram pela coleção de Cereja e Magalhães.

Foi selecionado como *corpus* a produção de uma entrevista oral pelos alunos, tendo como ponto de partida, uma atividade do livro didático de Cereja e Magalhães, do 7º ano, que tratasse da variação entre a língua falada e escrita, para verificar como o livro escolhido para análise, aborda essa questão. Além disso, verificar como o professor pode intervir, fazendo suas adaptações no planejamento, com a intenção de reaproveitar a atividade, acrescentando informações que pudessem subsidiar o aluno na reflexão sobre as variações linguísticas.

---

<sup>12</sup> Estes conceitos foram abordados por Bortoni\_Ricardo (2004) e foram elucidados no item 1.5 Por uma pedagogia da variação linguística.

## 2.4. Análise do livro didático

A análise do livro didático de Cereja e Magalhães do 7º ano foi realizada, perpassando pelo sumário, no intuito de apresentar uma descrição da estrutura e como a obra está organizada. Na etapa seguinte, a leitura do volume analisado, página por página, teve como intenção fazer uma observação sobre a variação linguística de forma mais completa, de acordo com os temas abaixo. Neste sentido, com base no “roteiro para analisar livros didáticos” de Bagno (2007, p. 125), estabeleceu-se como critérios para análise do livro didático verificar:

I. Como o livro didático do 7º ano apresenta a abordagem sobre a variação? Reserva um capítulo específico sobre o tema ou faz referência sobre o mesmo no decorrer das atividades gramaticais?

II. Como o livro didático emprega a terminologia relacionada à variação linguística? Os autores separam a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continuam confundindo a norma-padrão com variedade real da língua?

III. Como o livro didático aborda a variação? Evidencia fenômenos gramaticais como a variabilidade nos pronomes, na regência, na concordância (verbal/nominal)?

IV. Como o livro didático lida com a variação entre a fala e a escrita?

Em relação à proposta de sequência didática, seguem os seguintes objetivos específicos:

Tendo em vista a análise do livro didático supracitado, verificou-se a necessidade de propor uma intervenção didática para que fosse possível elucidar algumas questões que não foram abordadas no livro sobre a variação linguística com o intuito de promover uma educação sociolinguística em sala de aula.

### 2.4.1. Proposta de intervenção didática

A proposta de intervenção didática será mais bem detalhada no capítulo 4. Seguem as etapas contempladas:

I. A sequência didática como recurso de aprendizagem.

II. A organização da sequência didática.

III. O gênero textual entrevista.

IV. A entrevista oral realizada pelos autores da coleção do livro didático

“Português: linguagens”: apresentação do tema aos alunos.

V. Produção inicial da entrevista oral.

VI. A entrevista do *rapper* Projota e do cartunista Laerte: estabelecendo as semelhanças e diferenças entre elas na perspectiva da variação linguística.

VII. Produção final da entrevista oral.

Essas etapas acima foram desenvolvidas em sala de aula com os seguintes objetivos:

- (a) Fazer uma reflexão sobre a questão do certo e do errado no contínuo oralidade-letramento<sup>13</sup>.
- (b) Observar em quais contextos é possível utilizar uma linguagem mais monitorada (formal) e não monitorada (informal).
- (c) Construir conceitos a respeito da variação linguística numa perspectiva da pedagogia da variação linguística.
- (d) Desenvolver a confiança no aluno para que possa transitar entre sua variante e a variante ensinada na escola.

## 2.5. Objetivos da pesquisa

Com a intenção de fazer uma reflexão sobre a heterogeneidade da língua, o preconceito linguístico e a valorização das diversas formas de se manifestar na língua materna, delineou-se os seguintes objetivos: (i) averiguar se o livro didático “Português: linguagens” do 7º ano do ensino fundamental dos autores Cereja e Magalhães aborda o tema variação linguística e de que forma o faz, tendo em vista o uso do livro didático como principal material de apoio aos professores, no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula; (ii) propor uma intervenção didática a partir dos resultados da análise do livro didático, com a finalidade de os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar as outras variantes.

No capítulo a seguir, será abordado sobre as políticas públicas voltadas para o livro didático e o tratamento da variação linguística no LD.

---

<sup>13</sup> Esse conceito foi abordado na seção 1.5 Por uma pedagogia da variação linguística.

### **CAPÍTULO 3**

## **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO**

De acordo com Bezerra e Dionísio (2005), o livro didático (LD) não constitui um único material de ensino da língua, mas na maioria das vezes, o mais importante para o professor e os educandos durante as aulas. Nesse sentido, ao levar em consideração a diversidade linguística em sala de aula, os professores de língua portuguesa, na hora da elaboração das aulas, na ausência de outro material de apoio, recorrem ao livro didático.

Assim, o professor ao escolher o LD deve atender às necessidades dos educandos, ou seja, que o livro didático ofereça propostas de aprendizagem que contemplem a existência das variantes linguísticas e não apenas a estudos de regras e conceitos gramaticais. Dessa forma, o LD deverá levar em consideração em seus conteúdos a questão da valorização da variação linguística, além disso, o professor deve adequar os conteúdos à realidade dos educandos.

Contudo, segundo Bagno

O tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático. A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança. (BAGNO, 2007, p. 119)

Diante do exposto, o professor de língua portuguesa deve possuir critérios para avaliar o LD utilizado em suas aulas. Para isso deve fazer uma análise crítica, no sentido de observar se o livro alcança aos objetivos propostos pelo PCN. Assim, é importante o docente saber, dentre os LD aprovados pelos PNLD, quais estão mais em consonância com o que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais em relação á linguagem, para que esse material de apoio possa contribuir efetivamente com suas aulas.

Por esse viés, o item seguinte tem como objetivo apresentar um breve histórico sobre as políticas públicas do livro didático no Brasil.

### 3.1. Breve histórico de Políticas Públicas do Livro Didático no Brasil

O livro didático é, sem dúvida, um instrumento importante e valioso, utilizado por professores e alunos em boa parte das escolas em todo país. Segundo Silva (1998), o LD possui uma força tão influente que muitas vezes apresenta-se como uma “muleta” para o professor ter como suporte durante as aulas. É a partir do contexto histórico que se pode buscar informação sobre a força que esse objeto possui na educação brasileira.

O LD surgiu desde XIX, na segunda metade da década de 1960, depois da revolução de 1964 e com a assinatura do acordo MEC-USAID (fusão do Ministério da Educação e United States Agency for International Development, cujo objetivo era o aperfeiçoamento do sistema educacional brasileiro), em 1966. A partir da década de 70, o LD ganha a posição de instrumento pedagógico imprescindível de acesso pela população. (SILVA, 1998, p. 44)

Dessa forma, ainda distante do ideal, mas com avanços consideráveis, as leis criadas por gestores de várias épocas, para cuidar desse campo da educação, vêm possibilitando olhares mais atentos na escolha desse instrumento de grande relevância no aprendizado dos educandos. O quadro a seguir, organizado por Coelho (2007, p.24), mostra de forma resumida, as principais políticas estabelecidas para a escolha do livro didático.

Ano	Presidente	Política para o livro didático
1937	Getúlio Vargas	Instituto Nacional do Livro Didático INL
1938	Getúlio Vargas	Comissão Nacional do Livro Didático CNLD
1966	Castelo-Branco	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático Colted
1967	Costa e Silva	Fundação Nacional do Material Escolar Fename
1971	Emílio Médici	Programa do Livro Didático Plid
1983	João Figueiredo	Fundação de Assistência ao Estudante FAE
1985	José Sarney	Programa Nacional do Livro Didático PNLD
2003	Lula	Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio PNLEM



Assim desde 1937, com a criação do primeiro órgão, o Instituto Nacional do Livro, voltado para a organização e publicação da Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, o livro didático vem sendo legitimado. Ao longo desse percurso, houve inúmeras alterações políticas, econômicas e sociais, e muitas siglas representando os respectivos órgãos responsáveis pelas mudanças no sistema de políticas para a escolha do livro didático. A primeira Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) estabelecida com base no “Decreto-lei 1.006, de 30 de dezembro de 1938”, disposto no artigo 180 da nossa Carta Magna, fora composta de início por sete membros, chegando a dezesseis em março de 1939, e tinha a função de examinar e julgar apropriados ou não os livros por eles analisados e, por conseguinte, autorizar a produção, importação e utilização de tal material. Os componentes dessa Comissão, escolhidos pelo Presidente Getúlio Vargas eram considerados capazes pedagogicamente e reconhecidos moralmente na sociedade vigente.

Os critérios estabelecidos para a avaliação do livro didático foram descritos nesse Decreto-lei, em V capítulos e 40 artigos. Questões relativas às preocupações políticas ideológicas, tais como, a violência contra o regime político adotado, preconceitos raciais e sociais, agravos contra a independência nacional, a unidade e a honra, textos que atentassem contra a família, ofensas aos respectivos representantes das Forças Armadas nacionais, bem como o representante mor da nação, entre outras normas estabelecidas foram tratadas nos capítulos I, II, III, e V e seus respectivos artigos.

Já os critérios relativos à linguagem, enfoque maior desse trabalho, estão dispostos no capítulo IV, art. 21; 22 e 23, reproduzidos a seguir:

Art. 21. Será ainda negada autorização de uso ao livro didático;

a) que esteja escrito em linguagem defeituosa, quer pela incorreção gramatical quer pelo inconveniente ou abusivo emprego de termo ou expressões regionais ou da gíria, quer pela obscuridade do estilo;

b) que apresente o assunto com erros de natureza científica ou técnica;

c) que esteja redigido de maneira inadequada, pela violação dos preceitos fundamentais da pedagogia ou pela inobservância das normas didáticas oficialmente adotadas, ou que esteja impresso em desacordo com os preceitos essenciais da higiene da visão;

Art. 22. Não se concederá autorização, para uso no ensino primário, de livros didáticos que não estejam escritos na língua nacional.

Art. 23. Não será autorizado o uso do livro didático que, escrito em língua nacional, não adote a ortografia estabelecida pela lei.

No artigo 5º, cap. I desse Decreto-lei, encontra-se a determinação sobre quem deveria escolher os livros didáticos, dentre aqueles autorizados pela CNLD. Em um primeiro momento essa escolha ficou incumbida aos diretores das escolas pré-primárias e primárias. Já as escolas normais, secundárias e profissionais, teriam suas obras (de uso autorizado) selecionadas pelos professores. Mais tarde, em 1945, a escolha dos livros, dentre os autorizados, passou a ser feita somente pelos professores.

Em 1966, cria-se a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted), a partir de um acordo firmado com o governo de Castello-Branco e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), juntamente com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). O objetivo dessa comissão era incentivar, orientar, coordenar e executar as atividades do Ministério da Educação e Cultura relacionadas com a produção, edição, o aprimoramento e a distribuição dos livros técnicos e livros didáticos.

No ano de 1967 foi instituída a Fundação Nacional do Material Escolar, pela Lei 5.327 no governo Costa e Silva, com a finalidade de produzir e distribuir o material didático às instituições escolares.

Em 1971 o Instituto Nacional do Livro (INL) assume as funções que até então estava a cargo da Colted e passa a desenvolver o Programa do Livro Didático (Plid), abrangendo os diversos níveis de ensino: Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef) , Programa do Livro Didático para o Ensino Médio (Plidem) e Programa do Livro Didático para o Ensino Superior (Plidesu).

No ano de 1976, com a extinção do Instituto Nacional do Livro a Fename-Fundação Nacional do Material Escolar se torna responsável pela execução do Plid. Em 18 de abril de 1983 a Fename, por meio da Lei 7.091 no governo Figueiredo, passa a ser denominada Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). O objetivo da FAE era assegurar os instrumentos e condições de assistência educacional nos níveis de formação pré-escolar e de 1º e 2º Graus.

O PNLD foi criado em 1985, no governo Sarney, com o objetivo de adquirir e distribuir gratuitamente o livro didático. Mais tarde (1996), passou a desenvolver um processo de avaliação nas obras.

Em 2003 foi implantado no governo Lula, o Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM), por meio da resolução 038.

Conforme o exposto, desde a implantação de um órgão<sup>14</sup> para a escolha do livro didático na era Vargas, até hoje, muitas mudanças foram adotadas.

Em relação à linguagem, gírias, antes proibidas, hoje já estão presentes nas obras autorizadas, como forma de aproximar o público alvo. A ideia é deixar o texto com um vocabulário mais próximo da realidade oral do educando e de certa forma mais acessível.

Dessa forma é possível percebermos, que mesmo a passos lentos, os formuladores das políticas públicas voltadas para a escolha do livro didático, vêm permitindo uma maior reflexão a respeito do estudo da língua, realmente utilizada pelos falantes, contextualizadas e refletidora dos aspectos individuais e coletivos de cada indivíduo. A distribuição gratuita desse material para os alunos da rede pública, da forma como é feita atualmente, representa avanços, no que diz respeito às políticas públicas assistenciais brasileiras, e sem dúvida amplia as possibilidades de acesso às diversas áreas do conhecimento. No próximo item serão elucidadas algumas questões sobre o Programa Nacional do Livro Didático.

### **3.2. Programa Nacional do Livro Didático**

O PNLD é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), criado em 1985 com o objetivo de adquirir e distribuir gratuitamente os livros didáticos para todo o país, após a extinção do Plidef. Somente em 1996, o MEC preocupado com a qualidade das obras distribuídas nas escolas, desenvolve ao PNLD um processo de avaliação pedagógica das obras inscritas nele.

Por conseguinte, a avaliação do livro didático, teve como principais critérios, a adequação didática e pedagógica, a qualidade editorial e gráfica e a pertinência do manual do professor para uma correta utilização do LD e atualização do docente.

Definiu-se, ainda, como critérios eliminatórios, que os livros:

não poderiam expressar preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação;  
não poderiam induzir ao erro ou conter erros graves relativos ao conteúdo da área, como, por exemplo, erros conceituais. (BATISTA, 2001, p. 13)

---

<sup>14</sup> INL- Instituto Nacional do Livro foi o primeiro órgão implantado para a escolha do livro didático em 1937.

A primeira análise foi apresentada em 1996, dos livros didáticos de Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais de 1ª a 4ª séries para o PNLD/97. Essa análise criou uma classificação dos livros em quatro categorias: excluídos, não recomendados, recomendados com ressalvas e recomendados. Esses critérios serviram como base para a elaboração de um Guia de Livros Didáticos, no qual os livros que possuíam qualidades para serem recomendados foram apresentados aos professores. Logo, os professores teriam mais condições de julgar se o livro adotado estava de acordo com o perfil de seu aluno e de acordo com o projeto político pedagógico da escola. (BATISTA, 2001, p. 14)

A análise do livro continuou apenas para 1ª a 4ª séries até o PNLD/99 em que as séries finais do ensino fundamental participaram do processo de avaliação (5ª a 8ª séries). Nesse mesmo ano, novas modificações foram acrescentadas: eliminaram a categoria não recomendado e adicionaram ao critério de exclusão a incoerência metodológica e incorreção.

O Programa Nacional do Livro Didático passou por inúmeras alterações desde sua implantação, em função das orientações dadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pela LDB, o que evidencia, segundo Rojo e Batista (2003), a busca constante para solucionar problemas e dar uma resposta adequada à complexa realidade do LD nos contextos editorial e educacional brasileiros. Assim sendo, a avaliação feita pela equipe do PNLD objetiva uma ampla renovação da produção de material didático, o que faz com que as editoras inscritas no programa tenham a preocupação constante de adequação dos livros didáticos às exigências estabelecidas.

[...] com livros de melhor qualidade nas escolas, o PNLD vem contribuindo para um ensino de melhor qualidade: é uma referência consensual de qualidade para a produção de livros didáticos e para sua escolha, por professores; vem possibilitando uma reformulação dos padrões do manual escolar brasileiro e criando condições adequadas para a renovação das práticas de ensino nas escolas. (ROJO; BATISTA, 2003, p.41)

Apesar das constantes avaliações realizadas, o livro didático ainda apresenta problemas, como comprovam as pesquisas, mas se configura num instrumento bastante útil para o ensino de Língua Portuguesa. Nesse sentido, destaca-se a importância de pesquisas voltadas para a discussão desse tema, principalmente se considerar o uso que

será feito do material disponibilizado. Na seção seguinte, será analisado o livro didático em relação à abordagem da variação linguística.

### **3.3. Análise do livro didático “Português: linguagens” do 7º ano do ensino fundamental**

Nesta seção será apresentada a análise, na perspectiva da variação linguística, do livro didático “Português: linguagens”, do 7º ano do ensino fundamental, dos autores Cereja e Magalhães (2015), coleção escolhida pela maioria dos professores da rede municipal de Campo Grande-MS, para o triênio de 2017-2018-2019.

A análise foi realizada em etapas. Na primeira etapa, ao fazer uma leitura do sumário do livro, buscou-se, de forma sucinta, apresentar uma descrição da estrutura e como a obra está organizada. Na etapa seguinte, a leitura do volume analisado teve como objetivo responder às seguintes questões: O livro didático aborda sobre a variação linguística?; O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com variedade real da língua?; O livro didático, ao abordar a variação se limita ao léxico/sotaque ou apresenta outros fenômenos gramaticais?; O livro didático esclarece que existe variação entre a fala e a escrita?

Para tal, foram identificados os capítulos ou seções e os conteúdos que estivessem relacionados com os temas supracitados. Por fim, realizou-se uma análise sobre os resultados, a partir dos questionamentos acima.

#### **3.3.1. Descrição da estrutura e organização da obra**

O livro “Português: linguagens” de William Cereja e Thereza Cochar, publicado pela editora Saraiva está organizado em quatro unidades, compostas de quatro capítulos e de cinco seções. Os capítulos estão divididos em seções essenciais: “Estudo do texto”, “Produção de texto”, “Para escrever com adequação/coerência/coesão e expressividade”, “A língua em foco” e “De olho na escrita”. Na seção “Passando a limpo”, o objetivo das

questões é avaliar habilidades de leitura pautada nos 21 descritores<sup>15</sup> propostos pela *Matriz de Referência da Prova Brasil*. Para isso, o livro apresenta 10 questões de múltipla escolha, totalizando 40 testes.

Ao final de cada unidade, o capítulo “Intervalo”, propõe projetos de escrita, de forma interdisciplinar, com o objetivo de realizar mostras, feiras, exposições, saraus, peças teatrais, com a finalidade de retomar e aprofundar os temas trabalhados, de uma forma mais lúdica.

### 3.4. O livro didático e a abordagem sobre variação linguística

Partindo da premissa de que todos os livros didáticos aprovados pelo PNLD tratam da variação linguística, pois está inserido no *Edital de Convocação para Inscrição dos Livros Didáticos no Programa* que “é necessário considerar a língua-padrão no contexto da variação linguística, sem estigmatizar as demais variedades” (p. 23), os autores do volume analisado (7º ano), no decorrer dos capítulos e seções, apresentam atividades que pressupõe conhecimento do aluno sobre o tema, porém não destinam um capítulo específico para tratar da variação linguística, conforme o exemplo a seguir:

Leia esta cantiga:

**Se essa rua fosse minha**

Se essa rua, se essa rua fosse minha,  
eu mandava, eu mandava ladrilhar,  
com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante  
só pra ver, só pra ver meu bem passar.

Nessa rua, nessa rua tem um bosque  
que se chama, que se chama solidão  
dentro dele, dentro dele mora um anjo,  
que roubou, que roubou meu coração.

Se eu roubei, se eu roubei seu coração,  
tu roubaste, tu roubaste o meu também.  
Se eu roubei, se eu roubei teu coração,  
Foi porque, só porque te quero bem.

(Da tradição popular.)

3. Releia os dois versos iniciais da cantiga:

“Se essa rua, se essa rua fosse minha,  
eu mandava, eu mandava ladrilhar.”

a) Qual das formas verbais empregadas neles indica hipótese, possibilidade?

b) A forma verbal **mandava** está empregada coloquialmente. De acordo com a norma-padrão, qual forma verbal seria empregada?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

<sup>15</sup> O descritor, segundo documentos da Prova Brasil “é uma associação entre conteúdos curriculares e operações mentais desenvolvidas pelo aluno, que trazem certas competências e habilidades.” (PDE- Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB. Inep, 2011. P. 17)

A atividade exposta acima (p. 46, questão 3b) propõe que o aluno leia a cantiga “Se essa rua fosse minha”, para posteriormente responder a questão sobre modo e tempo verbal. No caso, a frase “Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar”, apresenta o verbo *mandava* no pretérito imperfeito, forma verbal comum nos falares dos brasileiros, e principalmente numa situação que não necessitam monitorar a fala. A pergunta, relacionada ao verbo, solicita que o aluno reescreva o verbo no tempo verbal de acordo com norma-padrão, justificando que o mesmo está empregado de maneira coloquial, sendo o ideal empregá-lo no futuro do pretérito do indicativo (mandaria).

Assim, para que se realize essa atividade, pressupõe que o docente, no decorrer da trajetória escolar do aluno, tenha discutido sobre a sociolinguística e suas contribuições em sala de aula, levando em consideração que não houve em nenhum capítulo do livro explicações a respeito do termo norma-padrão que é ensinada na escola, com suas regras muitas vezes distante dos falares de uma parte dos brasileiros, além disso, o discente precisa compreender o sentido do termo coloquial (informal), ou seja, não convencional da escrita e da fala.

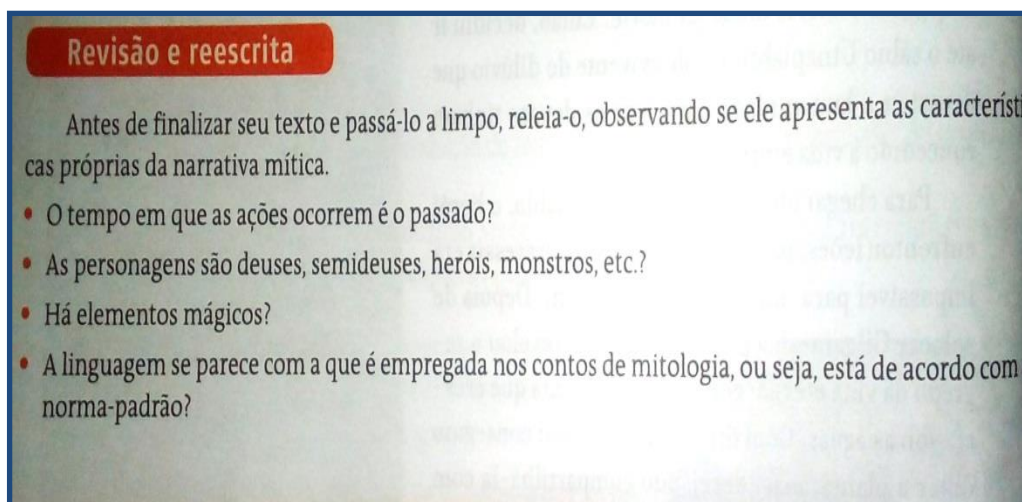
### **3.5. Terminologia adotada pelo livro didático**

Faraco (2008) define norma culta como a variedade que os letrados<sup>16</sup> utilizam em suas práticas mais monitoradas da fala e escrita, ou seja, é a “expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações”. Em relação à norma-padrão, o autor supracitado em consonância com Bagno (2007), não a conceitua como uma variedade da língua, mas sim “um construto sócio-histórico, uma baliza extraída do uso real que serve de referência para estimular um processo de uniformização linguística”. Assim, a norma culta é a variedade de maior prestígio social, a variedade ensinada nas escolas, utilizadas também em jornais, revistas, textos científicos, livros didáticos, livros, alguns programas televisivos etc. Em contrapartida a norma-padrão é idealizada, relativamente abstrata e não configura em nenhuma situação real de uso da língua.

---

<sup>16</sup> Letrados, segundo Faraco (2008) são os falantes com nível superior completo.

Cereja e Magalhães (2015) ao se referirem à norma culta, utilizam a terminologia norma-padrão. Para ilustrar essa afirmação, foi extraído do livro didático a atividade de “Revisão e reescrita” (p.24):



Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

Nessa atividade os autores solicitam ao aluno que, além de observar o tempo verbal, os tipos de personagens e outros elementos necessários para a escrita de um conto mitológico, empregue uma linguagem de acordo com a norma-padrão. A mesma proposta ocorre nas páginas (56, 148, 210 e 230). Ao propor que a escrita esteja de acordo com a norma-padrão, os autores confundem norma culta com norma-padrão que é a língua baseada na gramática normativa e inspirada na literatura clássica, distante da realidade da língua viva.

### 3.6. A abordagem da variação nos fenômenos gramaticais

De acordo com Coelho et al. (2015) a variação linguística pode ocorrer de forma mais profunda, ou seja, na sua dimensão interna, nos níveis lexicais, fonológico, morfossintático, sintático e discursivo. Tal fato está relacionado aos usos diferentes que cada grupo social faz dos recursos gramaticais, conforme Bagno (2015, p. 132).

Contudo, os mesmos autores salientam que é mais frequente nos livros didáticos, a abordagem da variação linguística se restringir ao sotaque e ao léxico. Nesse sentido, é comum autores de livros didáticos apresentarem palavras ou expressões com diferentes formas de se falar, de acordo com a região. Além de expressões, interjeições ou



vocábulos que são específicos de uma determinada região, fazendo uma abordagem superficial do tema.

Leia os quadrinhos a seguir, de Glauco, e responda às questões 3 e 4.

(Geraldinho. São Paulo: Cia. das Letras, 2007 p. 28)

3. Tufinho é um gato de rua, um vira-lata. O que acontece quando a dona da casa resolve adotá-lo?

4. Ao ver os outros animais, Geraldinho, filho da dona da casa, emprega uma linguagem que foge à norma-padrão.

a) O que significa a gíria “sujô”?

b) Do ponto de vista da norma-padrão, que problema gramatical ocorre na frase “Melhor os manos voltar amanhã”?

c) Considerando-se o contexto, a linguagem da personagem é coerente, na tira? Por quê?

Cereja e Magalhães (2015)


Em relação ao livro didático analisado, foram destacados alguns exemplos de abordagens dos fenômenos gramaticais, conforme a tirinha acima (p. 74, questão 4 - a, b, c ) do Glauco, tendo como personagem em evidência, Geraldinho. Na tirinha em questão, a personagem Geraldinho utiliza, no decorrer do diálogo, duas expressões “sujô” e “melhor os manos voltar amanhã” que são analisadas nas questão 4.

Primeiramente Cereja e Magalhães afirmam que a linguagem de Geraldinho não está de acordo com a norma-padrão. Tal fato evidencia a confusão que os autores cometem ao se referirem à norma culta. Para eles, norma-padrão é a língua viva, a variedade de maior prestígio social. Corntudo, de acordo com Faraco (2008, p. 73) norma-padrão não se refere propriamente a uma variedade da língua, mas sim “há um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização.”

Em seguida, ao mencionar o uso da gíria “sujô”, apenas solicitam o seu significado, dispensando maiores aprofundamentos ou discussões a respeito da gíria. As questões seguintes (4 b, c) se referem à frase “melhor os manos voltar amanhã”. Novamente mencionam a norma-padrão, em detrimento da norma culta, solicitando ao aluno que identifique o problema gramatical que ocorre na frase.

Dessa forma, os autores pretendem que se faça uma “correção” a respeito do verbo voltar, flexionando-o no plural (voltarem), de acordo com o sujeito “manos”, sem considerar a variação morfossintática, a ausência da desinência verbal -rem do verbo voltar. Termo utilizado pela variante popular, na maioria das vezes, variante dos alunos, principalmente de escolas públicas. Por fim, na questão (4-c) há uma indagação a respeito da linguagem da personagem Geraldinho no sentido de estar coerente ou não de acordo com o contexto. Neste caso, os autores consideram a possibilidade de usar uma linguagem mais informal, “sem rigor gramatical”, de acordo com o contexto.

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 1 a 3.



**A INVEJA MATA.  
É POR ISSO QUE  
A GENTE SE  
PREOCUPA TANTO  
COM ITENS  
DE SEGURANÇA.**

**SUBARU**  
Think. Feel. Drive.

(Disponível em: <http://www.putasacada.com.br/wp-content/uploads/2014/01/zmais-subaru.jpg>. Acesso em 20/6/2014)

- 3.** Em relação ao trecho “a gente se preocupa”, responda:
- A quem o termo **a gente** faz referência, no contexto do anúncio?
  - Por qual outra palavra esse termo poderia ser substituído, sem alteração de sentido? Nesse caso, como ficaria o trecho?
  - Comparando a construção original do anúncio e a construção feita por você com a substituição da expressão **a gente**, qual é a menos formal?
  - Levante hipóteses: Por que o anunciante escolheu empregar “a gente se preocupa”?
- 4.** Faça o exercício de prestar atenção na linguagem utilizada pelas pessoas em situações de interação. Observe situações com colegas, professores e familiares (em aulas, palestras na escola, conversas no intervalo, à mesa em casa, ao telefone, etc.). Depois responda:
- Qual forma, segundo você observou, é mais comum nas conversas cotidianas: **nós** ou **a gente**?
  - Em alguma situação, você notou predominância do pronome **nós**? Se sim, qual foi ela?
  - O uso de **nós** e de **a gente** tem relação com a escolaridade ou a idade da pessoa? E com a situação em que a fala ocorre?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

Nas páginas 189 e 190, de acordo com o exemplo acima, os autores utilizam o anúncio publicitário para abordar a variação morfossintática de *nós* e *a gente* como pronomes pessoais, com destaque para as questões 3 e 4, relacionadas à frase do anúncio “A inveja mata. É por isso que a gente se preocupa tanto com itens de segurança.” Na questão (3-b), os autores do livro didático em análise, destacam a frase “a gente se preocupa” com a intenção de solicitar ao aluno que faça a substituição do termo *a gente* sem alteração de sentido pelo pronome *nós*. Em seguida, na atividade (3-c), pedem que se faça uma comparação entre a frase original do anúncio e a construção realizada, após a troca de *a gente* por *nós*, com o intuito de que haja a percepção de uma construção mais formal em detrimento de uma menos formal. Na última pergunta (3-d), é solicitado que se construa uma hipótese: qual a justificativa de no anúncio haver o emprego da expressão “a gente se preocupa”? Com esse questionamento, os autores pretendem levar o aluno a refletir sobre o gênero textual anúncio publicitário e sua característica de apresentar textos menos formais.

No enunciado da questão 4 solicitam que o aluno observe a linguagem de alguns grupos de pessoas (professores, colegas e familiares), em determinados contextos (aulas, palestras na escola, conversas no intervalo, à mesa em casa, ao telefone etc.) com a finalidade de responder 3 questões a seguir. A primeira, questão (4-a) está relacionada à forma mais usada nas situações cotidianas (*nós/ a gente*). Assim, com essa atividade pretende-se levar o discente a inferir que o uso do pronome *a gente* é mais comum em situações de menor monitoramento da fala como as conversas no intervalo, à mesa, ao telefone, de acordo com as situações propostas no enunciado.

Da mesma forma, na pergunta seguinte (4-b), os autores pedem ao aluno que verifique em qual situação houve a predominância do pronome *nós*, conduzindo-o a concluir que o uso do pronome *nós* ocorre com maior frequência em situações de maior monitoramento da fala. Entretanto, pesquisadores como Zilles e Batista (2006), por meio de estudos sobre a variação dos pronomes supracitados, destaca que o uso do pronome *a gente* se expandiu também para os falantes mais escolarizados, embora ainda seja cobrado nos textos escolares e nas regras de escrita formal, o emprego quase exclusivo do pronome *nós*.

Por fim, na questão (4-c) os autores propõem uma conclusão a respeito do uso de *nós* e *a gente*. Para isso há o questionamento sobre os fatores externos (escolaridade, idade) que podem influenciar a variação de ambos e em qual situação de *fala* [grifo

meu] tal fenômeno ocorre. Nesse sentido, espera-se que o aluno compreenda que há fatores externos (escolaridade, idade) que podem interferir na escolha de uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Contudo, Zilles e Batista (2006) a partir de pesquisas na cidade de Porto Alegre, com várias faixas etárias e escolaridades, para verificar a ocorrência do pronome *nós* e *a gente*, constataram que a diferença de idade e de escolaridade, em relação ao uso do pronome *a gente*, está cada vez menor.

Cereja e Magalhães (2015) explicitam que pode ocorrer variação dos pronomes citados acima, exclusivamente em situações de fala. Contradizendo o próprio gênero textual anúncio publicitário que os autores escolheram para fazer essa análise, pois no anúncio “A inveja mata. É por isso que a gente se preocupa tanto com itens de segurança” há o emprego do pronome *a gente*. Tal fato evidencia a postura conservadora do livro didático analisado e o papel da escola em manter essa regra da norma-padrão, prescrita nas gramáticas tradicionais. Negando as variações e mudanças que podem ocorrer na língua materna, mesmo que seja um fenômeno observado nos falantes cultos, conforme Faraco (2008).



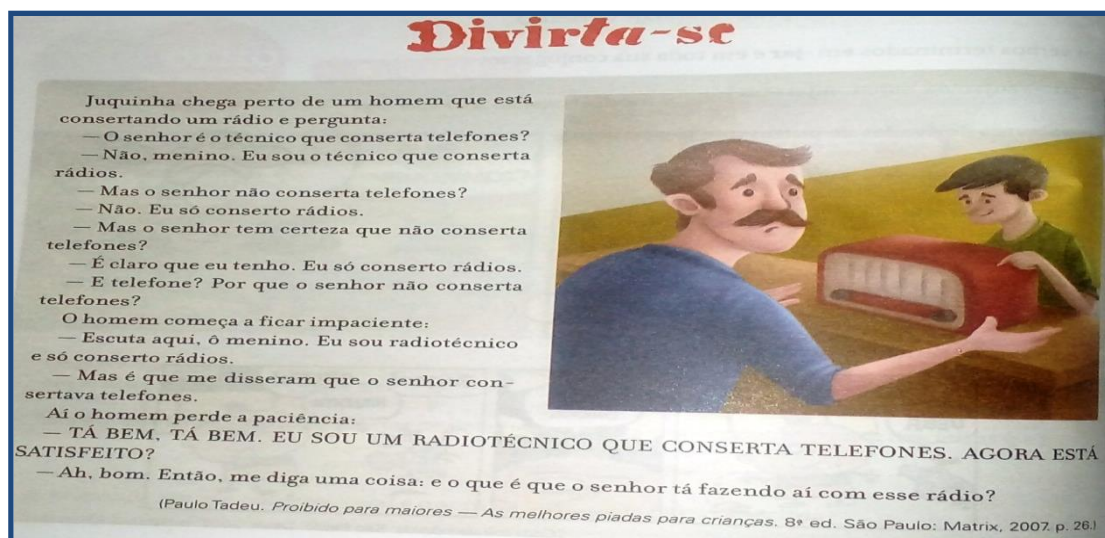
8. Atualmente, no português do Brasil, é muito comum o uso da palavra **você**, em vez de **tu**, em referência à pessoa com quem se fala.
- Nesse caso, embora seja tradicionalmente considerado um pronome de tratamento, ele desempenha que tipo de papel?
  - O verbo que acompanha o **você**, de acordo com a norma-padrão, deve ser conjugado em qual pessoa?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

Nas páginas 190 e 191, na questão (8- a,b), Cereja e Magalhães apresentam uma tira da personagem Hugo (exposta acima) para evidenciar o emprego de *você/tu*. Ao abordar esse fenômeno gramatical, os autores afirmam no enunciado que no português brasileiro é comum o uso da palavra *você* em vez de *tu*, em referência à pessoa com quem se fala. Porém, não esclarece que o emprego do pronome *você* já está consolidado na língua escrita em boa parte do Brasil, salvo algumas exceções como o uso do pronome pessoal *tu* especialmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de acordo com Coelho (2015).

A primeira questão está relacionada ao papel que o pronome *você* desempenha na língua, apesar de ser um pronome de tratamento, de acordo com a gramática tradicional. Na segunda questão, indagam o aluno sobre como deve ser a conjugação verbal, de acordo com a norma-padrão quando se refere ao pronome *você*. Ao mencionarem sobre a categoria gramatical do pronome *você*, nota-se uma postura conservadora em incluí-lo ainda no quadro dos pronomes de tratamento, apesar desse emprego estar em desuso na língua falada e escrita. Em se tratando da flexão verbal em relação ao pronome *você*, Cereja e Magalhães, esperam que o aluno tenha um conhecimento prévio sobre a flexão dos verbos na 3ª pessoa do singular, apesar de o pronome supracitado estejam na 2ª pessoa do singular, não apresentando nenhuma explicação sobre essa mudança no paradigma verbal correspondente ao pronome *você*, conforme Görski (2015).

### 3.7. Oralidade x Escrita



Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

Na página 38, (conforme o exemplo acima) no encerramento do capítulo 1, na seção “Divirta-se”, os autores expõem um diálogo entre o menino, Juquinha, e um homem que conserta rádio. No decorrer da piada há ocorrência da frase “Tá bem, tá bem. Eu sou radiotécnico que conserta telefones. Agora está satisfeito?” Nessa frase fica evidente o emprego de *tá*, variante de *está*, utilizando uma linguagem mais coloquial, menos monitorada, possível no gênero textual em questão. Contudo, apenas apresentam o gênero textual sem fazer nenhuma reflexão acerca da variação linguística relacionada aos níveis de monitoramento na fala e na escrita.

**Como sair-se bem no debate**

Se você quer se sair bem no debate, leve em conta estas orientações:

1. Fale alto, claro e sem pressa para que todos ouçam e compreendam o que você diz.
2. Supere a inibição; mostre segurança, olhando diretamente para as pessoas que o ouvem.
3. Para convencer os colegas, apresente bons argumentos. Por isso, elabore mentalmente o argumento antes de falar.
4. Preste atenção no que os colegas falam para não correr o risco de apresentar ideias já expostas.
5. Evite empregar gírias ou muita repetição de expressões como **tipo, tipo assim, né, tá?**

Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

No decorrer dos capítulos do livro analisado há propostas de leitura e produção de textos orais, contemplando os gêneros orais públicos (seminário, entrevista, debate etc.), apresentado na página 162 e 163, também os autores, na página 179, solicitam que os alunos produzam um debate deliberativo (debate para tomar decisões) e nas páginas 223 e 224, propõem um planejamento de uma entrevista oral.

Em cada um dos gêneros orais supracitados, Cereja e Magalhães apresentam algumas características dos textos, destacando que em determinadas situações o uso da língua oral é mais espontâneo (de acordo com o gênero oral). Para isso, utilizam como exemplo as conversas com amigos, festas e encontros. Em seguida, alertam os alunos que os textos que serão produzidos por eles, seguem uma formalidade maior. Como ilustração do que foi mencionado, o boxe acima, cujo título é “Como sair-se bem no

debate”, evidencia que os autores, no item 5, orientam o aluno a evitar o uso de gírias, muitas repetições de expressões como *tipo assim, né, tá?* Em relação às orientações de Cereja e Magalhães, quando se referem ao emprego de repetições, como expressões de uma fala mais espontânea que deve ser evitadas, os autores não deixam explícitos a possibilidade de repetições (advérbios e outros itens lexicais) na língua falada, pois conforme Castilho (2000, p. 113) “durante uma conversa, é frequente retomar a coisa dita, e ficar repetindo as expressões por razões pragmáticas.”

**Na fala, o controle é menor**

O controle que temos sobre nossa fala geralmente é menor do que o que temos sobre nossa escrita. Apesar disso, a fala também pode ser menos ou mais controlada, dependendo da situação em que ocorre a interação verbal. Por exemplo, quando um profissional fala com seus superiores, na empresa, certamente controla mais sua fala do que quando se comunica em casa com os filhos. E, se esse mesmo profissional der uma entrevista num programa de televisão, provavelmente vai controlar ainda mais sua fala do que quando está na empresa.

De qualquer modo, a linguagem oral tende a apresentar, em maior ou menor grau, certas marcas, como repetições, pausas, palavras e frases cortadas, desvios em relação à norma-padrão, palavras e expressões coloquiais, palavras e expressões como *né?, tá?, tá ligado?, tipo, etc.*

Fonte: Cereja e Magalhães (2015)

Na proposta de produção da entrevista oral, Cereja e Magalhães apresentam um boxe (exposto acima) com informações sobre a língua falada. Contrariando os estudos recentes a respeito da fala e da escrita, ao utilizar no título do boxe a frase “Na fala, o controle é menor”. Essa afirmação desconsidera o amplo contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita que vai de uma escrita menos formal a uma fala mais monitorada ou vice-versa, de acordo com Marcuschi (2001). Assim, tanto a fala quanto a escrita dependem do gênero textual contemplado para serem definidas como mais formal ou menos formal.

Além disso, no texto do boxe, os autores apresentam algumas características da linguagem oral, elencando que a mesma pode apresentar desvios da “norma-padrão”. Tal afirmação evidencia a visão pautada nos ensinamentos tradicionais dos autores de que a

fala é o lugar do coloquialismo, dos “desvios”, em detrimento de uma escrita mais monitorada.

Diante da análise realizada no livro didático neste capítulo, em relação à variação linguística, evidenciou a necessidade de o professor se posicionar criticamente a respeito dos resultados obtidos acima, tendo em vista a superficialidade que os autores Cereja e Magalhães têm dado ao tema, no mais das vezes empregando a terminologia norma-padrão de forma equivocada, não esclarece que na variação linguística há uma classificação (diatópica, diastrática, diafásica, diamésica, diacrônica). Além disso, ao elucidar as características do texto oral, desconsidera algumas características específicas desse gênero textual como marcadores conversacionais e repetições, bem como ao abordar a variação morfossintática na alternância do *tu* e *você*, *nós* e *a gente* apresentam atividades que levam o aluno a concluir que o uso do *tu* e de *a gente* são utilizados apenas em situações informais e de fala. Nesse sentido, houve a necessidade realizar a mediação por meio da intervenção didática, tendo com ponto de partida uma atividade extraída do livro analisado, que será explicitada no próximo capítulo em sequência didática, com o intuito de aproveitar os pontos positivos que o material didático oferece e acrescentar as informações necessárias para que se possa favorecer em sala de aula uma educação sociolinguística.



## **CAPÍTULO 4**

### **PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA ORAL**

Neste capítulo será apresentada uma sequência didática, desenvolvida em sala de aula para a turma do 7º ano A da Escola Municipal Prof. Licurgo de Oliveira Bastos (Campo Grande- MS), no 3º e 4º bimestre no ano de 2017, como proposta de intervenção didática, tornando possível, por meio da mediação do professor, desenvolver uma pedagogia da variação linguística, a partir de experiências reais dos alunos, com o intuito de promover uma reflexão sobre a língua materna e seu uso.

O ponto de partida foi uma atividade sobre o gênero textual entrevista oral (p. 221 a 223) extraída do livro didático “Português: linguagens”, dos autores Cereja e Magalhães que será elucidada na seção 4.2.3. Para o desenvolvimento da sequência didática foram organizadas seções que serão expostas a seguir.

#### **4.1. A sequência didática como recurso de aprendizagem**

Os autores Schneuwly e Dolz (2004) propõem que o gênero tem que ser tomado como eixo organizador do ensino e a progressão do trabalho, ao longo dos anos escolares, deve ser feito por meio do agrupamento dos textos elaborados a partir dos aspectos dos “domínios sociais”, “aspectos tipológicos” e “capacidades de linguagem dominantes”. Sobre o primeiro, os autores se referem aos meios sociais em que esses gêneros circulam com maior frequência, o segundo diz respeito aos aspectos tipológicos, as estruturas linguísticas comuns aos textos e o terceiro se refere às habilidades e competências que cada indivíduo pode desenvolver em relação ao mundo por meio da linguagem.

Assim, após a definição do gênero a ser trabalhado, devem ser elaboradas atividades para o estudo desse gênero. Os mesmos autores postulam que as atividades devem estar organizadas em torno de “sequências didáticas”, definidas por eles como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito e tem como objetivo de ajudar o aluno a dominar melhor o gênero estudado.

A “sequência didática” desenvolvida pelos autores envolve primeiro a “produção de texto”. Para isso, deve ser apresentada uma situação de produção, explicitando o contexto da produção. Após a primeira atividade, que serve de diagnóstico do que os alunos já dominam sobre o gênero, são executadas tarefas de leitura e análises de textos do mesmo gênero para que o aluno possa consolidar a aprendizagem. Para finalizar, os discentes devem elaborar uma nova produção que finaliza o módulo e ao mesmo tempo permite a avaliação do processo de ensino.

Dessa forma, todas essas etapas supracitadas servirão de suporte para o desenvolvimento do trabalho acerca da produção da entrevista oral pelos alunos, tendo como textos-base a entrevista do cartunista Laerte e do *rapper* Projota para que haja um diálogo em sala sobre a variação linguística.

Na seção a seguir, serão expostas as etapas da sequência didática com base em Dolz et al (2004).

#### **4.2. A organização da sequência didática**

Antes de propor a sequência didática com embasamentos teóricos pautados na proposta de Dolz et al (2004), utilizada para a produção oral da entrevista, faz-se necessário abrir um parêntese para compreender em quais condições foram realizadas essas ações. O cenário escolar em questão se assemelha a tantos outros em nosso país. Escola de periferia, considerada um das maiores da região, sala superlotada com alunos que possuem necessidade educacional especial, alunos repetentes com defasagem idade/série que podem ser considerados falantes usuários da variedade *rurbana*<sup>17</sup> e apresentam em suas falas, traços graduais e descontínuos<sup>18</sup>. Em relação à disponibilidade de recursos didáticos, utiliza-se com maior frequência o quadro de giz e o livro didático, pois as cópias são limitadas às provas bimestrais e as mídias (escassas) eventualmente poderiam ser utilizadas por estar quase sempre “emprestadas” por outros professores. Neste contexto, o livro didático se torna um aliado, apesar do olhar crítico e reflexivo que o professor deve ter sobre seus conteúdos.

Após a análise sobre o tratamento da variação linguística, realizada no livro de

---

<sup>17</sup> O conceito de *rurbano* foi explanado na seção 1.5 Por uma pedagogia da variação linguística.

<sup>18</sup> Traços graduais na fala significa dizer que são traços comuns na fala dos brasileiros e traços descontínuos são os que recebem uma carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004.)

Cereja e Magalhães do 7º ano, conforme o capítulo anterior, verificou-se que havia poucas atividades do livro em que viabilizavam a construção de uma pedagogia da variação linguística, contemplando os objetivos elencados na metodologia (capítulo 2). Dessa forma, o conteúdo entrevista oral, tornou-se propício para que o professor pudesse fazer sua mediação, adaptando a atividade do livro para alcançar tais objetivos. Além disso, o conteúdo em questão (entrevista oral) deveria ser abordado no 3º bimestre, de acordo com o planejamento do professor em conformidade com o Referencial Curricular da REME<sup>19</sup>, período de realização da intervenção didática que seria foco da pesquisa desta dissertação.

Assim, o gênero textual norteador da proposta de intervenção didática, a entrevista oral, segue as seguintes etapas da sequência didática:

- (i) apresentação do tema aos alunos;
- (ii) leitura e análise das entrevistas de Laerte e do *rapper* Projota;
- (iii) produção textual inicial de uma entrevista oral com base nas entrevistas de Laerte e Projota;
- (iv) atividades de linguagem norteadoras para a produção final;
- (v) produção final da entrevista oral a partir dos textos-base.
- (vi) análise das transcrições das entrevistas na perspectiva da variação linguística.

No item seguinte serão elucidadas algumas questões a respeito do gênero entrevista.

### **4.3. O gênero entrevista**

Segundo Faria (2012, p. 57), “a entrevista é um gênero jornalístico possível de ser utilizado de maneira enriquecedora na atividade escolar e pode auxiliar no desenvolvimento de uma série de habilidades.” Dentre essas habilidades, pode-se destacar a necessidade de reflexão do aluno em relação à postura ao estar em contato com o entrevistado, a linguagem utilizada, a edição a ser realizada. O estímulo à pesquisa ao preparar a entrevista, pois o entrevistador deve ter o mínimo de conhecimento sobre o tema da entrevista, além da necessidade de preservar a fala do

---

<sup>19</sup> REME- Rede Municipal de Ensino.

entrevistado e o peso que essa fala vai adquirir no momento que estiver gravada ou impressa.

Erbolato (1991) apresenta vários formatos para o gênero entrevista, apesar de ser um texto aparentemente simples. Nesse sentido, vale destacar a entrevista individual, ou seja, a entrevista propriamente dita, segundo o autor, em que “o entrevistado é o motivo central do texto.” Na imprensa são as entrevistas a personalidades, autoridades com competência para explicar um assunto ou fato específico. Na escola, este tipo de entrevista pode ser reservado à comunidade escolar, por exemplo, um professor, funcionário ou aluno. De modo geral, o texto da entrevista possui discurso direto, com perguntas dos entrevistadores, seguidas de respostas dos entrevistados.

Casotti (2007) salienta que na entrevista oral e escrita, além dessa construção de texto por meio dos interlocutores (entrevistador e entrevistado) há também a audiência (ouvintes, espectadores e leitores) que participam de forma indireta, pois quando elaboram as perguntas e as respostas, sempre têm em mente uma audiência específica.

Para a construção do texto escrito, de acordo com a autora supracitada, existe uma diferença temporal entre o momento da entrevista e a publicação, fato que proporciona um planejamento de elaboração da pauta, da entrevista e da edição. Na produção do texto falado a elaboração e a produção, ocorrem ao mesmo tempo.

Nesse sentido Barros aponta que:

tanto do ponto de vista temático (escolha dos assuntos a serem tratados) quanto linguístico-discursivo a escrita é planejada. A fala tem certo planejamento temático, isto é, de escolha de tópico para que a conversação se desenvolva, mas na maior parte as escolhas temáticas e linguísticas se fazem durante a conversa. É a questão do tempo também que dá à escrita, a possibilidade de reelaborar seu texto sem deixar marcas. A fala, ao contrário, expõe as marcas deixadas pela formulação e pelas reelaborações. (BARROS, 2000, p. 60)

Quando a entrevista passa da fala para a escrita, apesar de preservar a característica dialogal, às vezes, perde traços comuns da fala e às vezes mantém essas características, como por exemplo, as repetições, marcadores conversacionais, pausas etc. Em relação à entrevista oral veiculada no livro didático, apresenta essas marcas comuns da fala como será observado na próxima seção.

#### **4.4. A entrevista oral realizada pelos autores da coleção do livro didático “Português: linguagens”: apresentação do tema aos alunos**

Anteriormente à proposta de uma produção inicial sobre o gênero entrevista oral, os alunos fizeram a leitura da entrevista do cartunista Laerte (p. 221 e 222) do livro didático analisado, conforme o exposto abaixo, para que pudessem ser elucidadas algumas questões a respeito desse gênero, pois conforme Bakhtin (1997) “todo gênero em sua composição, possui uma forma, além de conteúdo e estilo”. Assim, foram extraídas dez perguntas do livro para análise da entrevista oral:


- (i) quem é o entrevistador?
- (ii) em que tipo de atividade se destaca a pessoa entrevistada?
- (iii) o que nos permite visualmente, distinguir a fala do entrevistador da fala do entrevistado?
- (iv) em que veículos podemos encontrar entrevistas orais?
- (v) geralmente, quem é o público das entrevistas?
- (vi) qual o assunto principal das entrevistas?
- (vii) as perguntas demonstram que o entrevistador preparou as questões? Justifique sua resposta.
- (viii) geralmente o entrevistador prepara um roteiro. Você acha que isso aconteceu na entrevista lida?
- (ix) identifique um exemplo de repetição, pausa e informalidade na linguagem.
- (x) quais são as características da entrevista oral?

Os autores Cereja e Magalhães apresentaram conceitos referentes ao gênero entrevista oral antes de contemplar o texto em si, porém, para que os alunos pudessem construir suas hipóteses a respeito das características do texto analisado, a atividade partiu primeiramente da leitura para análise, registro no caderno das questões acima, discussão e constatação das respostas, de acordo com os conceitos do livro e da explicação do professor, para a sistematização sobre as principais informações sobre o gênero entrevista oral. Vale salientar que nem todas as questões da atividade do livro foram contempladas para análise, pois foi levado em consideração o objetivo da pesquisa (a produção de uma entrevista oral). Além disso, na questão (ix) houve a necessidade de adaptá-la por questões de equívocos teóricos, levando em consideração que os autores Cereja e Magalhães afirmam serem as entrevistas um gênero em que

predomina a norma-padrão, contudo, de acordo com os teórico já mencionados anteriormente, Faraco (2008), a denominação norma-padrão deve ser evitada ao se referir ao uso da língua materna, utilizando de maneira mais apropriada, norma culta.

Em relação à análise textual, os questionamentos iniciais são superficiais, como nas questões (i) e (ii) em que o aluno teve que responder o nome e a profissão do entrevistado, para ir direcionando a uma reflexão a respeito da estrutura da entrevista oral e suas especificidades que podem ser observadas nas perguntas (iii), (iv), (v), (vii), (viii) e (ix), perpassando por observações sobre a parte visual do texto (nome do entrevistado e do entrevistador em negrito), onde são geralmente veiculadas as entrevistas, a necessidade de se fazer um roteiro, a linguagem utilizada. Nessa entrevista, os autores do livro a reproduziram tal qual foi gravada. Além disso, na questão (vi) o objetivo foi abordar o tema do texto e por fim, o aluno, após ter lançado suas hipóteses, pôde concluir sobre esse gênero, tendo em vista a finalidade, suporte/veículo, tema, estrutura e linguagem.


**Entrevistador:** *Pra começar nosso bate-papo, acho que vou fazer uma pergunta que todo mundo que gosta do seu trabalho quer fazer, né? Como foi que você se tornou um criador de histórias em quadrinhos? Você sempre gostou de desenhar?*



**Laerte:** Eu sempre gostei de desenhar, eu sempre desenei: como toda criança, eu sempre desenei. Quer dizer, todo mundo desenha O... O... A diferença é que, para algumas pessoas, como eu, o desenho se tornou um... uma parte importante no modo de se expressar. No modo de expressar sentimentos, ideias e de... de refletir o que o mundo propõe, quer dizer, pra mim o desenho sempre foi uma linguagem a serviço de... daquilo que eu gostava. Eu gostava de um filme, gostava de um livro, gostava de uma cena ou de uma coisa que eu tinha visto na televisão ou numa rua, e o desenho era... é um meio privilegiado para eu... ahn... trabalhar esses sentimentos, essas ideias, né? E é... e é um meio privilegiado mesmo porque só depende da gente. A gente consegue fazer uma coi... uma obra bastante complexa, sozinho, sabe? É uma coisa que poucas... poucas... poucas mídias (risos) oferecem, né?

**Entrevistador:** *E pra criar essas personagens? Você... como você faz pra inventar uma história nova? A Suriá, por exemplo, você se inspirou em alguma menina que você conhece, alguém da sua família? Como é que você criou a Suriá?*

**Laerte:** Bom, a gente sempre se inspira... em... em... em detalhes da vida... Suriá, por exemplo, Suriá é o nome de uma sobrinha... mesmo, de quem eu gosto muito, mas ela não é o núcleo da personagem. Nessa mesma época, ahn... a minha filha tava com uma idade também de 6, 7 anos e... e... e eu também, observando ela, como ela era uma menininha que... moderna (risos), também usei pra... pra construir a personagem, mas a Suriá foi encomendada pela editora da... da *Folhinha* naquela época, a Mônica, e eu fiz... Fiz assim... Procurei pensar numa personagem que fosse boa pras crianças ler, lerem e... e que tivesse a ver com o que eu gosto também, né? Eu gosto de circo... gosto de... então eu pensei numa garotinha, filha de circenses e... e... que tem uns tios que são os palhaços, e que tem uns amigos que são os bichos, tal... e eu comecei a fazer as histórias da Suriá (risos).



**Entrevistador:** Durante muito tempo a escola, ela considera as histórias em quadrinhos um gênero menor, né? Enfim, professores... achavam que as histórias em quadrinhos não formavam novos leitores. Agora, que que você acha? Isso está mudando, mas o que que você acha? Que as histórias em quadrinhos são cultura também? É cultura a história em quadrinho?

**Laerte:** Acho que é cultura sim. Acho que muitas coisas... devem... Acho que quase todas as linguagens podem entrar no... no universo da preocupação da escola, quer dizer, podem ser analisadas... a música popular... as manifestações de... de... a TV... Os quadrinhos também têm uma importância grande, é um modo bom de... de desenvolver a leitura também. Ao contrário do que se pensava, que inibiria a leitura, que afastaria as crianças da literatura, é... ao contrário disso, o quadrinho se provou ser um auxiliar, um... bastante... bastante útil pra quem começa a ler, tudo.

**Entrevistador:** Quem conhece seu trabalho sabe que você publica em livros, jornais diários... Como é que você faz pra ter uma ideia nova todo dia pra publicar uma tira no jornal?

**Laerte:** (risos) Bom, todo mundo tem uma ideia nova todo dia. As pessoas costumam pensar assim que artistas são pessoas especiais porque têm ideias novas e originais, enquanto o resto da população não, só tem... não tem ideias, né? Acorda, toma café, vai pro trabalho, volta pra casa, vê televisão e dorme. Não é assim. O dia é recheado de pequenas descobertas, pequenos pensamentos... Se as pessoas, todas elas, tivessem como hábito o expressar-se, elas iam ver a quantidade absurda de ideias novas, que acontecem não todo dia, mas todo minuto, a todo segundo. A toda hora você tá notando coisas, descobrindo coisas. A maior parte das vezes você repara que a gente se disciplina para que isso não atrapalhe o bom andamento do nosso dia a dia, né? Mas as ideias estão aí. Não, não é um problema a gente acaba deixando pra... pra artistas ou pra autores usarem essas ideias de forma que elas pareçam ideias, mas elas fazem parte do cotidiano de todo mundo. Assim como todas as crianças desenhavam, todas as pessoas têm ideias também.



- Em linguagem jornalística, **entrevista** é o texto resultante de um encontro previamente marcado entre duas pessoas no qual uma interroga a outra sobre sua profissão, suas ações, suas ideias. O entrevistado é quase sempre uma figura de destaque num determinado campo da vida social e é quem autoriza ou não a publicação de suas declarações. Na entrevista em estudo:
  - Quem é o entrevistador?
  - Em que tipo de atividade se destaca a pessoa entrevistada?
- Para efeito de estudo, a entrevista foi transcrita. O que nos permite, visualmente, distinguir a fala do entrevistador da fala do entrevistado?
- A entrevista lida foi concedida especialmente para esta coleção. Contudo, normalmente as entrevistas circulam em suportes diferentes do livro didático.
  - Em que veículos podemos encontrar entrevistas orais?
  - Geralmente, quem é o público das entrevistas?
- Observe as perguntas feitas ao entrevistado.
  - Qual é o assunto principal da entrevista?
  - As perguntas demonstram que o entrevistador preparou as questões? Justifique sua resposta.

- Normalmente o entrevistador prepara um roteiro de perguntas. Porém, dependendo das respostas, ele pode fazer perguntas que não estão no roteiro. Você acha que isso aconteceu na entrevista lida?
- Nas entrevistas, geralmente predomina a norma-padrão da língua, mas isso depende da situação e do perfil do entrevistado. Leia o boxe "Na fala, o controle é menor" e depois identifique na resposta de Laerte às duas primeiras perguntas do entrevistador:
  - um exemplo de repetição;
  - um exemplo de pausa;
  - um exemplo de informalidade na linguagem.
- A entrevista aborda um tema polêmico: se a leitura de histórias em quadrinhos aproxima ou afasta crianças e jovens da leitura.
  - Qual é a posição do entrevistado? Que argumento ele apresenta para justificar seu ponto de vista?
  - E qual é a sua posição?
- Laerte afirma que todas as pessoas têm ideias a todo instante, mas nem todas as utilizam criativamente. Você concorda com a opinião dele? Por quê?
- Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, concluem: Quais são as características da entrevista oral? Respondam, levando em conta critérios como: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte/veículo, tema, estrutura, linguagem.

#### Na fala, o controle é menor

O controle que temos sobre nossa fala geralmente é menor do que o que temos sobre nossa escrita. Apesar disso, a fala também pode ser menos ou mais controlada, dependendo da situação em que ocorre a interação verbal. Por exemplo, quando um profissional fala com seus superiores, na empresa, certamente controla mais sua fala do que quando se comunica em casa com os filhos. E, se esse mesmo profissional der uma entrevista num programa de televisão, provavelmente vai controlar ainda mais sua fala do que quando está na empresa.

De qualquer modo, a linguagem oral tende a apresentar, em maior ou menor grau, certas marcas, como repetições, pausas, palavras e frases cortadas, desvios em relação à norma-padrão, palavras e expressões coloquiais, palavras e expressões como *né?*, *tá?*, *tá ligado?*, *tipo*, etc.



Na seção seguinte será descrita a atividade voltada para a produção da entrevista oral.

#### **4.4.1. Produção inicial da entrevista oral**

Na produção textual deve-se levar em consideração que os textos possuem formas relativamente estáveis, pois, “organizam-se dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero” (PCN, p.48), determinando o gênero a ser produzido em sala de aula. Nesse sentido, para elaboração da primeira versão da entrevista oral, foi necessário que os alunos fizessem a análise da entrevista do cartunista Laerte, conforme a seção 4.4.1, observando aspectos estruturais, temas, linguagem, suporte e finalidade do texto analisado. Assim, munidos destas informações, foi solicitado que os alunos elaborassem perguntas (roteiro) com a finalidade de produzirem uma entrevista. Para isso, houve a necessidade de escolherem o tema, quais seriam os entrevistados, com qual finalidade e o suporte.

Neste momento inicia o processo definido por Geraldi (1991) como o momento em que “o sujeito emerge no mundo da linguagem e nele ocupa duplo lugar: o de construtor e o de construído por ela”. Dessa forma, a sala foi dividida em 5 grupos, ficando estabelecido pelo professor que cada grupo escolheria um aluno da turma para ser o entrevistado. Em relação ao tema, anteriormente foi lido um excerto de um texto que pertence ao livro “Memórias de um aprendiz de escritor” de Moacyr Scliar, (exposto nos anexos) veiculado no livro analisado (p. 74 e 75). Nesse relato de memória, o escritor supracitado fala de suas experiências como autor de ficção, apresentando histórias que definem a arte de escrever. Assim, após a leitura, realizou-se a análise do texto com intenção de os alunos compreenderem as características de um relato de memória para utilizarem esse gênero textual como tema da entrevista com um colega da turma.

Para isso, foram elaboradas 5 questões, sendo que cada componente do grupo, formularia uma pergunta. Dentre elas, deveria constar uma em que o entrevistado pudesse relatar suas experiências como leitor, resgatando uma história que leu ou que alguém lia para ele na infância que ficou gravada em sua memória e foi significativa para ele. Após as discussões em grupos, os alunos foram construindo o gênero



entrevista, observando a sua estrutura, o uso formal da língua, como seria gravado, qual o tempo de duração da entrevista etc.

Com o roteiro pronto, os grupos utilizaram o espaço da biblioteca para gravarem com seus celulares as entrevistas. Em seguida, fizeram a edição no próprio aparelho de celular e apresentaram para sala, no data show, os vídeos com as entrevistas. Nesse momento, cada educando pôde observar sua postura corporal, tom de voz, a linguagem empregada na construção das perguntas e respostas.

Na próxima seção, será exposta a análise da entrevista do *rapper* Projota, contrapondo com a entrevista do cartunista Laerte para estabelecer as diferenças e semelhanças entre elas.

#### **4.4.2. A entrevista do *rapper* Projota e do cartunista Laerte: estabelecendo as semelhanças e diferenças entre elas na perspectiva da variação linguística**

Segundo Bortoni-Ricardo

É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128)

Nesse sentido, ao propor uma atividade que desenvolva a habilidade de uso da língua materna, nas modalidades escrita e oral no educando, seguiu-se esse viés. Assim sendo, houve a necessidade de planejar uma aula em que o gênero entrevista oral apresentasse uma linguagem mais informal, diferente da entrevista do cartunista Laerte, que emprega a norma culta com o intuito de propor uma reflexão sobre as variações possíveis da língua, na modalidade oral, levando em consideração vários fatores.

Para isso, foi programada a apresentação de um vídeo em que o apresentador do programa *The Noite*, Danilo Gentili, entrevista o *rapper* Projota<sup>20</sup>. Nesse vídeo o músico fala do início de sua carreira, de seus sucessos, hábitos, sonhos etc., temas de interesse

---

<sup>20</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hlfYElfCHQ>

dos alunos. A intenção foi desenvolver um laço de confiança nos educandos para possibilitar um diálogo que proporcionasse uma reflexão sociolinguística, contrapondo as duas entrevistas. Abaixo serão expostos trechos dessa conversa, após os alunos terem assistido o vídeo supracitado.

[...]

**Professora:** O que vocês perceberam no jeito de falar dele?

**Samuel:** Bem humilde.

**Carlos:** Engraçado.

**Professor:** Mas e o jeito de falar?

**Kauã:** Usa gírias, fala rimando.

**Professora:** Quais gírias ele utilizou?

**Carlos:** “Mano”, “tá ligado”.

**Vinícius:** “Pode crê”.

**Samuel:** *Brother*, “véi”.

**Professora:** Alguém mais se lembra de outros exemplos?

**Lucas:** “Loco”, “é nós”.

**Professora:** O jeito como ele falou é igual ao do cartunista Laerte?

**Lucas:** Não.

**Professora:** O que tem de diferente entre os dois entrevistados?

**Raíssa:** O entrevistado Laerte é mais... como eu vou dizer... é mais formal a fala dele.

**Professora:** Quando você fala mais formal, o que você entende por isso?

**Raíssa:** Ele não fala muitas gírias.

**Professora:** Um excelente exemplo. Alguém mais quer acrescentar?

**Kauã:** Ele fala só sobre o assunto da entrevista.

**Professora:** Então ele é mais direcionado?

**Alisson:** Sim. Ele não fala “palavrão”.

[...]

Nesta etapa do diálogo, estava em discussão a linguagem empregada pelos dois entrevistados (*rapper* Projota e o cartunista Laerte). Os alunos observaram que o artista utilizava termos como gírias e o cartunista empregava uma linguagem mais formal. Tal fato evidencia que não somente o tom de voz, postura corporal deve ser levada em

consideração, em uma entrevista oral, a linguagem utilizada pelo entrevistado também deve ser analisada.

Novos trechos foram apresentados, com o propósito de haver uma reflexão sobre os diversos fatores que determinam a variação da língua em uso pelos entrevistados.

[...]

**Professora:** Sobre o entrevistado Laerte, qual a profissão dele?

**Michael:** Laerte desenha quadrinhos, escreve livros e faz tirinhas para jornais.

**Professora:** E o Projota?

**Raíssa:** Ele é *rapper*. Compõe e canta *rap*.

**Professora:** Por que o jeito de falar de Laerte é mais formal do que o jeito de falar do Projota, como afirmou a aluna Raíssa?

**Samuel:** Porque o Projota é um *rapper*, fala gírias e o Laerte é um cartunista, um escritor.

**Professor:** O que isso significa?

**Eduardo:** Laerte trabalha com uma linguagem mais formal porque escreve histórias e faz tirinhas para o jornal.

**Professora:** O tipo de profissão de Laerte e do Projota é importante para a adequação da linguagem deles?

**Ana:** Sim. O Projota canta para adolescentes e adultos que gostam de *rap*. Então tem que usar uma fala igual a deles.

**Professora:** Se o Projota estivesse falando para outro público que não fosse seus fãs, poderia utilizar fala diferente?

**Eduardo:** Por exemplo, se ele fosse falar com a diretora de uma escola e fizesse uma brincadeira com ela, como ele fez na entrevista com o Danilo, não daria certo.

**Carlos:** É que o cantor de *rap* “é mais animado”. Agora se fosse falar com um diretor ele falaria diferente sim.

**Professora:** Seria uma fala mais formal ou menos formal?

**Vinícius:** Mais formal.

[...]

A essa altura, o diálogo ocorreu sobre o contínuo de variação estilística (Bortoni-Ricardo, 2004), ou seja, os alunos notaram que fatores como a profissão e o público

para quem se fala puderam influenciar na linguagem dos entrevistados. Dessa forma, o *rapper* emprega uma fala mais espontânea por ser um músico em que seu estilo é mais informal, mais popular, voltada para um público (jovem e adulto) que se identificam com o *rap* que geralmente resgata por meio da música, a identidade do morador da periferia e suas mazelas, como seus sonhos, angústias, lutas, protestos e vivências. Essa aproximação com esse universo se dá pela linguagem, pelo uso de uma variante estigmatizada, popular, da periferia. Em contrapartida, o cartunista emprega, ao falar, a norma culta, pois o público leitor dele são na grande maioria, os falantes da norma culta urbana, leitores de revistas e jornais em que está veiculado parte de seu trabalho. Nas entrevistas ficam evidentes essas situações de monitoramento e de espontaneidade da fala de cada entrevistado.

A seguir, houve uma discussão a respeito dos entrevistadores, tendo em vista o suporte ou veículo de cada entrevista e o seu público.

[...]

**Professora:** A maneira de entrevistar dos autores do livro é igual a do Danilo Gentili?

**Vinícius:** O Danilo Gentili perguntou mais sobre a vida do Projota, os autores do livro perguntaram mais sobre a profissão do Laerte.

**Michael:** O Danilo fez mais brincadeiras. É mais “aberto”.

**Professora:** Quem segue mais um roteiro?

**Ana:** Os entrevistadores do Laerte.

**Kauã:** Os autores ficam mais no assunto. Já o Danilo Gentili brinca ao mesmo tempo que faz as perguntas.

**Professora:** Para esse tipo de entrevista em um programa de televisão, o comportamento do Danilo Gentili está adequado? As brincadeiras e perguntas que ele fez estão adequadas para entrevistar um *rapper*?

**Letícia:** Sim, porque o Projota é bem divertido, ele é desse estilo aí.

**Allana:** Os dois brincam e falam gírias.

**Carlos:** Porque ele é um *rapper* “animadão” e o Danilo quer falar do assunto dele.

Os alunos, neste trecho do diálogo, concluíram que os autores do livro analisado, fazendo o papel de entrevistadores do cartunista Laerte, seguiram um roteiro, sem abrir

parêntese para uma “brincadeira”, comentários que não estivessem dentro do assunto da entrevista oral. Contudo, Danilo Gentili, ao entrevistar o *rapper* Projota, não segue um roteiro, especificamente. A conversa vai fluindo, com aberturas para brincadeiras, comentários que não necessariamente fazem parte de um tema determinado. À medida que a entrevista evolui, os temas vão surgindo.

Tal fato evidencia que mesmo em uma entrevista oral há eventos de letramento e eventos de oralidade, conforme Bortoni-Ricardo (2004) sendo que na entrevista do Laerte, a intenção dos autores Cereja e Magalhães foi veicular o texto, apesar de ter sido reproduzido como foi gravado, no livro. Assim, por ser um suporte que contém textos com escrita de acordo com a norma culta, houve a influência da língua escrita e um roteiro previamente planejado. Entretanto, a entrevista do Projota teve como suporte um programa televisivo com finalidade de entretenimento para seu público, dessa forma, houve uma espontaneidade maior entre entrevistador e entrevistado, com maior liberdade para as falas.

Em seguida, será descrita a produção final da entrevista oral.

#### **4.4.3. Produção final da entrevista oral**

Segundo Mollica (2003) a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e tem como foco de estudo a língua em uso nas comunidades de fala, destacando principalmente os empregos linguísticos reais heterogêneos. Dessa forma, essa seção tem como objetivo, por meio da produção final da entrevista oral, conduzir os alunos a realizarem uma reflexão a respeito das variações que esses empregos linguísticos podem sofrer, tendo em vista fatores extralinguísticos como a idade e escolaridade dos entrevistados.

Para isso, foi necessário retomar algumas questões a respeito das características do gênero entrevista, elucidadas nas seções anteriores (4.4.1 e 4.4.2), tais como a estrutura, necessidade de organizar um roteiro, escolha do tema, finalidade da entrevista, linguagem utilizada, tempo de duração da entrevista e de que forma seria gravada a entrevista (áudio ou vídeo).

De acordo com Tarallo (1986) independente do assunto a ser tratado nas entrevistas, uma forma de fazer com que os entrevistados se sintam mais confortáveis é levá-los a narrar experiências pessoais, pois apresentam uma despreocupação com a

forma, ao narrar situações que estão envolvidos emocionalmente. Assim, ficou estabelecido como tema, os relatos de memória sobre as experiências de leituras dos entrevistados, conforme foi realizado na entrevista da produção inicial. A sala se dividiu em 3 grupos, sendo que os alunos de cada grupo formulariam perguntas para o entrevistado e em seguida, fariam um roteiro, utilizando uma linguagem mais formal. Em relação à gravação, o tempo de duração da entrevista seria de 5 minutos, gravada no celular (em áudio ou vídeo) e depois editada para ser apresentada aos colegas da turma no data show. Além disso, houve a necessidade de estabelecer a faixa etária e a escolaridade de cada entrevistado com o propósito de posteriormente, os alunos observarem a variação na fala de cada entrevistado, levando em consideração a idade e a escolaridade, pois conforme Mollica (2003) fatores sociais, externos às línguas, exercem influência sobre a variação das mesmas.

Nesse sentido, a professora os auxiliou, sugerindo que entrevistassem 2 pessoas na faixa etária de 11 a 18 anos que estivessem cursando o Ensino Fundamental ou médio; 2 pessoas na faixa etária de 19 a 30 anos, sendo uma estudante e a outra não estudante e por fim, 2 pessoas na faixa etária de 31 a 60 anos em que um dos entrevistados fosse graduado e o outro não tivesse concluído o ensino básico.

Concluída a entrevista e editada, cada grupo apresentou seu vídeo ou áudio para a turma. Em seguida, foi necessária a mediação da professora que selecionou alguns excertos das entrevistas de cada entrevistado e fez a transcrição tal qual a gravação, com a finalidade de promover um diálogo com os alunos para que pudessem, assim como fizeram na análise do vídeo que apresentava a entrevista do Projota, observarem aspectos da variação linguística de natureza externa da língua, recursos linguísticos próprios da modalidade oral, o valor social de determinados usos de palavras ou expressões, identificar alguns fenômenos variáveis, nos níveis lexical, fonológico, morfossintático e discursivo e lidar com a noção de “certo” e “errado”; “adequado” e “inadequado”.

As entrevistas serão apresentadas na ordem crescente em relação à faixa etária de cada entrevistado. Vale ressaltar que a transcrição das entrevistas foi realizada com base no quadro de Preti (1999) sobre normas para transcrição (exposto nos anexos). Inicialmente as entrevistas foram analisadas com base nos três contínuos: de urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004). Dessa forma, se tomar o contínuo de urbanização como referência para

a análise, pode-se verificar as influências de uma variante urbana ou rural na fala do entrevistado, a partir de palavras que apresentam traços graduais (termos usados pela maioria dos falantes urbanos) ou traços descontínuos (termos mais comuns nos falares de pessoas da zona rural). Em relação ao contínuo oralidade-letramento, é possível verificar se houve ou não influência da língua escrita na fala do entrevistado e também se o falante monitorou a sua fala, conforme o contínuo de monitoração estilística.

Para ilustrar esse momento da aula, a seguir serão expostos trechos das entrevistas e as conclusões dos alunos acerca de cada entrevista.

### **Entrevista 1**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Daniele Mendes.

**Aluno:** Qual sua profissão?

**Entrevistada:** Estudante.

**Aluno:** Quantos anos você tem.

**Entrevistada:** 16 anos.

**Aluno:** Qual sua escolaridade?

**Entrevistada:** Estou cursando 2º ano do ensino médio.

**Aluno:** Qual o livro que marcou sua vida?

**Entrevistada:** o nome do livro é:: a última música.

**Aluno:** Qual o gênero do livro?

**Entrevistada:** O gênero do livro é:: romântico.

**Aluno:** Por que você gosta desse livro?

**Entrevistada:** Porque ele é um romântico... e é mais voltado pra adolescentes de 14 a 17 anos.

**Aluno:** Conte um pouco da história desse livro?

**Entrevistada:** O livro fala sobre dois casais ... que se separam... o livro fala sobre um casal que se separam e tem dois filhos que vão:: passar... foram passá o verão na praia com seu pai... ih:: lá a filha do casal encontra um rapaiz ... que ela se apaixona e assim... começa uma:: linda história de amor... ma... mais o pai do rapaiz que a minina começa a namorá não gosta da minina... mais mesmo assim eles lutam pra... pra continuá o namoro.

**Aluno:** Você lembra o nome de algum personagem?

**Entrevistada:** Um dos personagens principais chamam-se Alex.

[...]

## **Entrevista 2**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistado:** Felipe dos Santos

**Aluno:** Qual sua profissão?

**Entrevistado:** Estudante.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistado:** 13 anos.

**Aluno:** Qual a sua escolaridade?

**Entrevistado:** Estou cursando 8º ano do ensino fundamental.

**Aluno:** Você gosta de ler?

**Entrevistado:** Sim... eu gosto de lê... pra passá o tempo... às vezes.

**Aluno:** Você lia quando era criança?

**Entrevistado:** Sim.

**Aluno:** O que você lia quando era criança?

**Entrevistado:** Lia alguns livros infantil... um livro que eu gostava muito era o diário de um banana.

**Aluno:** Quais foram as leituras que marcaram sua vida?

**Entrevistado:** Foi o livro... chamado:: o caçador de pipa ... que conta a história de uma criança lá no afeganistão... que vivia durante a guerra e a ditadura.

[...]

Em relação as duas entrevistas transcritas acima, trata-se de dois estudantes (ensino fundamental e médio), pertencentes a faixa etária de 11 a 18 anos e falantes *urbanos*, ao situá-los no contínuo de urbanização. Quanto ao contínuo de oralidade e letramento, o evento ocorreu sem nenhuma mediação da língua escrita, por fim houve um monitoramento na fala por se tratar de uma entrevista que estava sendo gravada e seria posteriormente apresentada para turma.



As observações realizadas pelos alunos, inicialmente, foram a respeito das marcas de oralidade. Nesse sentido, pontuaram que havia símbolos no texto transcrito que não são comuns aos textos da modalidade escrita. Ao elencarem esses símbolos, a professora conduziu a aula de forma que os educando pudessem levantar suas hipóteses sobre o significado de cada um. Após essa mediação, houve a necessidade de elucidar sobre aspectos da língua oral que a diferencia da língua escrita, recursos empregados somente na oralidade, tais como os símbolos presentes no texto que indicam pausa, prolongamento de uma vogal ou consoante e marcadores conversacionais (éh, ah, então, né etc.) . Em seguida observaram alguns fenômenos variáveis no nível fonológico, por exemplo, a ditongação (transformar uma vogal em um ditongo), presente na **entrevista 1**, como no caso das palavras *rapaiz* (rapaz) e *mais* (mas). Na **entrevista 2**, elencaram um exemplo no nível morfosintático *livros infantil*, em que há ausência de redundância do plural no sintagma nominal. Pela norma culta, principalmente na modalidade escrita, quando o núcleo (substantivo ou palavra substantivada) está no plural, seu determinante deve concordar com o substantivo.

A respeito desses fenômenos variáveis, a mediação da professora ocorreu no sentido de explicar que é comum na fala não monitorada, apresentar casos de ditongação e ausência do plural, conforme os casos acima. Contudo em alguns contextos, é necessário o uso de uma fala mais monitorada. Nesse sentido, é importante o falante ter conhecimento dessa variação, para monitorar seu próprio estilo.

A seguir, serão expostos trechos da entrevista 3 e 4 para análise.

### **Entrevista 3**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Paula Ferreira.

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** Monitora de escola.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistada:** 20 anos.

**Aluno:** Qual sua escolaridade?

**Entrevistada:** Estou cursando 4º semestre de direito.

**Aluno:** Que livro marcou sua vida?

**Entrevistada:** como eu gosto muito de mitologia éh::... um livro chamado a pirâmide vermelha... que é um livro que conta a história da mitologia egípcia... de uma forma mais:: didática.

**Aluno:** Qual o seu personagem preferido?

**Entrevistada:** Era um babuíno... que ele era mascote das:: crianças do livro.

**Aluno:** Por qual motivo você gostou deste livro?

**Entrevistada:** Porque ele fala sobre a mitologia ih::... é de um jeito... não é de um jeito meio quadrado assim... sabe? éh::... contando diversas histórias... diversas coisas que acontecem com... com eles...várias aventuras, sabe?

**Aluno:** Você sempre gostou de leituras?

**Entrevistada:** Eu lia... tudo que eu via queria ler... intão... tipo:: sempre foi uma coisa... sempre presente na minha vida.

[...]

#### **Entrevista 4**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistado:** Mateus.

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistado:** Trabalhei no Instituto Mirim.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistado:** 19 anos.

**Aluno:** Qual a sua escolaridade?

**Entrevistado:** Cursando 3º ano do ensino médio.

**Aluno:** Você gosta de ler?

**Entrevistado:** Gosto bastante.

**Aluno:** Que tipo de livro?

**Entrevistado:** Ficção... magia e ação.

**Aluno:** Tem como você fazer um resumo do livro que mais gostou?

**Entrevistado:** Éh::... bom... o livro qui vô fazê o resumo éh... livro aí... mistério da oitava noite... basicamente .... conta a história de uma minina que perdeu us... us pais ih:: o avô morreu ih...ela teve que viajá pra casa do avô pra investigá a morte do avô...

acabô que ela descobriu....(ilha) :: .... uma nova cidade ih.... na mansão do seu avô havia... altas coisas de magia.

[...]

Sobre as entrevistas **3** e **4**, transcritas acima, trata-se de dois estudantes, sendo que uma entrevistada está cursando o ensino superior e o outro o ensino médio. Pertencem ao grupo etário de 19 a 30 anos e são falantes *urbanos*, ao situá-los no contínuo de urbanização. Quanto ao contínuo de oralidade e letramento, o evento ocorreu sem nenhuma mediação da língua escrita e houve um certo monitoramento na fala por se tratar de uma entrevista que estava sendo gravada e seria posteriormente apresentada para turma.

Na entrevista **3**, os alunos observaram que a entrevistada fez o uso das gírias *quadrado* e *tipo* em sua fala. Ao questioná-los que em algumas situações de fala, existem termos que são “adequados” para serem ditos e outros “inadequados”, os alunos compreenderam que no evento entrevista, apesar de ser comum seu uso em falantes mais jovens, as gírias poderiam ser evitadas, já que a finalidade da entrevista era ser apresentada para a sala de aula, tendo em vista que no ambiente escolar é cobrado o uso da fala culta.

Na análise da entrevista **4**, as observações dos alunos, com a mediação da professora, foram sobre a ausência do fonema /r/ para determinar o infinitivo nos verbos *investigá* (‘por investigar’), *fazê* (‘por fazer’) e *viajá* (‘por viajar’). Esse fenômeno de variação morfológica, pode ser definido como um traço gradual que se encontra na fala da maioria dos brasileiros, independente de sua variante, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004). Assim, a orientação da professora foi sobre as situações em que se usa um estilo mais monitorado, neste caso, os alunos devem aprender a monitorar suas falas ou escritas para usar a variante com a presença do “r” indicador de verbos no infinitivo.

Em seguida, serão apresentadas as entrevistas **5** e **6** para a análise.

### **Entrevista 5**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Tania Souza.

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** Escritora.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistada:** 40 anos.

**Aluno:** Qual a sua escolaridade?

**Entrevistada:** Especialização em Língua Portuguesa.

**Aluno:** Que história você gostou de ler?

**Entrevistada:** Uma história que eu li e gostei bastante foi a história sem fim... conta a história de um menino que era bastante solitário num tinha amigos... e ... acabou descobrindo um livro... um livro... diferente e tudo que ele lia nesse livro... ele se envolvia de tal forma que ele passou a ser um personagem e ajudar esse mundo a sobreviver... então é uma história que me encantou muito.

**Aluno:** Qual foi o livro que você achou mais inspirador?

**Entrevistada:** O que eu achei mais inspirador... não tem um só... eu li livros que me inspiraram... que eram de aventuras... de poesia... livros de conto de fadas... de criaturas mágicas... livros de terror. tudo que eu li me inspirou um pouquinho... então: : ... não dá pra escolher só um... destes livros... alguns me assustaram... outros me deixaram espantada.. então: : foram vários livros que me inspiraram... desde poesia até : : histórias éh : : terror... de amor... gibis : :éh... de tudo um pouco.

[...]

## **Entrevista 6**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Dirlene Gomes

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** Zeladora da escola.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistada:** 51 anos.

**Aluno:** Qual sua escolaridade?

**Entrevistada:** Ensino médio incompleto.

**Aluno:** A senhora gosta de ler?

**Entrevistada:** Eu gosto de lê livros... gosto de ler o jornal pra saber a notícia... ih: : atualmente eu gosto de ler livro espírita.

**Aluno:** Conta para gente uma história que te marcou?

**Entrevistada:** Tá... ultimamente o que mi marcô foi...violetas na janela porque é uma história de uma moça que depois que morreu... ficô sabeno como é a vida depois da morte... a morte não acaba... a vida não acaba depois da morte... intão o que acontece? a gente fica sabeno... tudo que a gente faiz aqui... a gente paga de qualquer maneira... entendeu? a dívida é cobrada... se apronto nessa encarnação... na última cê tem que vim pra podê pagá... por isso que eu gostei (pra mim) pra podê intendê melhor o que si passa com a gente.

[...]

A respeito das entrevistas **5** e **6**, transcritas acima, trata-se de uma escritora com graduação e uma zeladora de escola com ensino fundamental incompleto que pertencem ao grupo etário de 31 a 60 anos. Ao situá-las no contínuo de urbanização, a zeladora pode ser denominada falante *rurbana* por apresentar antecedentes rurais e a escritora pode ser situada na região urbana. Quanto ao contínuo de oralidade e letramento, o evento ocorreu sem nenhuma mediação da língua escrita e houve um certo monitoramento na fala, por se tratar de uma entrevista que estava sendo gravada e seria posteriormente apresentada para turma.

A observação realizada pelos alunos na **entrevista 5** foi sobre o fenômeno variável no nível fonológico que consiste na redução do ditongo final nos verbos *acabô* ('acabou') e *encantô* ('encantou'). Nesse aspecto, houve uma conversa acerca de algumas palavras que na fala há redução dos ditongos /ei/ e /ou/ final ou não final como *dexa* ('deixa'), *peixe* ('peixe'), *otro* ('outro'), *entrô* ('entrou'), *falô* ('falou') que podem ser considerados traços graduais da fala. Da mesma forma que estes traços apresentam na fala da escritora, também podem surgir na fala da maioria de falantes escolarizados em situação de fala não monitorada. Assim como nas entrevistas anteriores, os alunos, a partir dessas reflexões, devem compreender quando fazer uso de um estilo monitorado, observando esses fenômenos.

Na entrevista **6**, houve a discussão a respeito do fenômeno variável no nível morfológico, ou seja, a terminação *-ndo*, morfema verbal que indica gerúndio. Nessa entrevista, esse morfema sofre uma mudança para *-no*, com a queda do fonema /d/ na palavra *sabeno* ('sabendo'). Sobre tal variação, a professora ao colocar em evidência as seis entrevistas, fez com que os alunos notassem que somente no diálogo com a

entrevistada Dirlene, ocorreu esse fenômeno. Assim, mediante discussões com a turma, levantaram a hipótese de que o fator escolaridade pôde influenciar na maneira de falar da entrevistada. Levando em consideração que ela possui o ensino fundamental incompleto, enquanto os outros entrevistados são estudantes do ensino fundamental/médio, ensino superior ou graduado (escritora). Além desse fenômeno, foi observado, **entrevista 6**, o uso de *cê* (para ‘você’).

Nesse sentido, para uma maior compreensão sobre a variação diacrônica (variação que a língua sofre através do tempo) foi apresentado pela docente o percurso que esse pronome de tratamento seguiu: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > *(o) cê*, esclarecendo que da mesma maneira que atualmente *você* e *(o) cê* se alternam na língua falada, no passado, os termos citados acima também se alternavam até a forma mais antiga se tornava obsoleta e deixava de ser usada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por um lado há um idioma, uma língua que representa a nação brasileira, também existe uma enorme variação linguística considerável e justificada, a qual não deve ser vista como uma forma “errada” de falar, incorrendo em preconceitos linguísticos. Postura que gera uma ideia, presente em boa parte da sociedade, de que a língua dita “gramaticalmente correta” representa o que é “belo”, “correto”, ocasionando em um culto a esse ideal de língua, configurando em uma crença de que todas as outras manifestações de nosso português brasileiro que não foi convencionado como o modo certo de falar e escrever, não podem ser consideradas belas, lógicas e corretas.

Diante desse panorama, a escola, ambiente onde muitas vezes se tenta homogeneizar a linguagem de uma comunidade, deve levar em conta essa variação linguística, ou seja, esses fenômenos linguísticos refletidos na oralidade dos alunos, sem menosprezar, por meio de preconceitos linguísticos, a fala do educando e sua bagagem cultural.

Nessa ótica, ao analisar o recorte feito no livro didático “Português: linguagens”, do 7º ano do Ensino Fundamental, da editora Saraiva, publicado em 2015, dos autores William Cereja e Thereza Cochar, a presente pesquisa buscou evidenciar alguns fatos observados em relação ao tratamento dado ao tema variação linguística nessa obra, constatando que há uma tentativa de introduzir questões sociolinguísticas ao conteúdo veiculado no livro analisado.

Nesse sentido, a obra analisada “Português: linguagens” do 7º ano, apesar de não reservar um capítulo para discutir o tema, à medida que avança os capítulos, propõe questões que elucidam o tema variação linguística. Porém, ao solicitar para o aluno observar a variação linguística de um determinado gênero textual, atividade recorrente no livro, sempre apresenta textos escritos na norma culta, desconsiderando as outras variações. Além disso, em nenhum momento, os autores procuraram esclarecer que há uma classificação das variações linguísticas (diatópica, diastrática, diamésica, diafásica, diacrônica), tampouco conceituaram o termo variação linguística. Tal postura, deixa evidente que os autores esperam dos alunos esses conhecimentos ao proporem suas atividades.

Ao se referirem à norma culta ou variante de prestígio, os autores empregam a terminologia norma-padrão. Tal fato causa uma confusão conceitual, já que o termo utilizado por eles não se configura em uma variedade da língua, mas sim em um conjunto de regras que serve de referência para a unificação da língua.

Em relação aos fenômenos gramaticais, Cereja e Magalhães abordam a variação morfossintática na alternância de uso do *nós* e a *gente*, além da aplicação de *tu* e *você*. Em ambos os casos, as atividades estão voltadas para fazer o aluno chegar à conclusão de que os termos *a gente* e *tu*, são utilizados em situações informais, atribuindo apenas a situações de fala seus empregos. Acrescentam que fatores extralinguísticos como idade escolaridade, podem influenciar no uso dos termos supracitados. Contudo, não apresentam a situação em que o uso do pronome pessoal *tu* pode ser formal, como na região sul, principalmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ao elucidar a questão da oralidade na obra analisada, recorre a vários gêneros orais como entrevista, seminário, debate, elencando algumas características da modalidade oral, como fala espontânea, menos monitorada em relação a língua escrita, entretanto, nas produções de textos orais, orientam o aluno a utilizar uma linguagem mais monitorada, evitando repetições, marcadores conversacionais que são recursos específicos da língua oral. Não apresentam textos com as características citadas (fala espontânea, repetições, marcadores conversacionais), apenas contemplam os gêneros em que as falas são mais monitoradas.

Diante desse panorama, com olhar no tratamento das variações linguísticas, nota-se que o livro didático, tido como principal material de apoio do professor, deve ser utilizado em sala de aula de forma que não reforce uma ideologia cerceada de preconceitos que se presta a estigmatizar, reforçar as desigualdades e manter o *status* de algumas classes. O professor de português, deve ter conhecimentos aprofundados sobre ciência da linguagem e suas contribuições ao ensino da língua portuguesa brasileira, para julgar todos os materiais didáticos que estão a sua disposição, reconhecendo os aspectos positivos e negativos de cada um. Isso resulta em um ensino voltado para a educação sociolinguística de seus alunos, pois quando o docente se vale desse saber, promoverá em sala de aula um ambiente democrático em que o aluno possa utilizar sua variante, reconhecendo-a como plena e eficaz e proporcionar ao aluno desenvolver “outros saberes” sobre a língua.



Nesse sentido, o desenvolvimento da proposta de sequência didática sobre a produção da entrevista oral, configurou em uma postura crítica e autônoma da professora ao utilizar como ponto de partida uma atividade extraída do livro didático, fazendo as adaptações necessárias para que houvesse uma reflexão dos alunos a respeito da composição do gênero entrevista, desde a primeira produção até a produção final observando sua finalidade, suporte/ veículo, tema, estrutura e linguagem. Além do enfoque maior que foi trabalhar alguns conceitos sobre a variação linguística. Desse modo, cada etapa das atividades aplicadas, foi pensada a partir da análise da obra no capítulo 3, observando as lacunas que os autores deixaram ao tratar da variação linguística, mantendo uma postura conservadora, na maioria das vezes, a respeito da língua. Por conseguinte, para que houvesse essa intervenção, foi necessário, por parte da professora, um conhecimento mínimo dos postulados teóricos-metodológicos da Sociolinguística, de modo não ser uma mera repetidora de informações ou repassadora de conteúdos veiculados no livro didático.

Nessa direção, uma das primeiras tarefas da professora foi reconhecer a realidade linguística da sala de aula, observando por meio de textos orais e escritos, o contínuo de urbanização de cada aluno, ou seja, verificar se na fala deles havia traços graduais (comum na fala da maioria dos brasileiros urbanos) ou descontínuos (mais comum na fala rural) para posteriormente pensar em atividades, a partir da realidade sociolinguística do aluno. Essa observação ocorreu durante o primeiro semestre, antes da intervenção didática. Outra atividade que foi desenvolvida com os alunos, ao seguir a sequência didática, está relacionada ao levantamento do conhecimento prévio dos mesmos a respeito da variação linguística e os saberes intrínsecos a ela. Nesse sentido, a apresentação do vídeo em que o apresentador Danilo Gentili entrevistava o *rapper* Projota proporcionou discussões, levantamento de hipóteses e constatações acerca do uso da língua heterogênea, em situações reais da fala.

Além disso, ao comparar as duas entrevistas (do cartunista Laerte e do *rapper* Projota), sendo que a primeira apresentava uma linguagem mais formal em detrimento da outra, os alunos perceberam que um mesmo gênero textual pode evidenciar variedades diferentes. Dessa forma, desenvolveu no docente a competência linguística de modo a saber usar uma variedade ou outra, mesmo sendo o mesmo gênero textual (oral ou escrito), de acordo com as situações de interação. Desse modo, no caso de contextos mais formais, utiliza-se a norma culta; em casos menos formais, mais

familiares, emprega-se a variedade popular, menos prestigiada socialmente. Tais conhecimentos ensinam os alunos a transitarem de uma variedade linguística para outra de acordo com o contexto, com se fala ou para quem se escreve e de acordo com o assunto.

Da mesma forma, as entrevistas realizadas pelos alunos, propocionaram a eles o desenvolvimento da autonomia, enquanto pesquisadores, além de permitir que identificassem regras internas da língua que regem a variação, em diferentes níveis linguísticos, por exemplo, no nível fonológico e morfossintático. Com base nas transcrições das entrevistas, os alunos identificaram recursos próprios da modalidade oral, notando algumas diferenças entre a fala e a escrita. Também, houve a oportunidade de os educandos refletirem sobre as questões externas da língua que possam influenciar na variação, como a idade e a escolaridade. Neste aspecto o uso das gírias, ficou evidente apenas na fala de uma entrevistada mais jovem. Além disso, puderam observar que tanto na modalidade oral ou escrita, o uso de determinados termos, pode ser considerado adequado ou inadequado. Porém, não se configura em falar ou escrever certo ou errado, apenas se trata de variantes que possuem maior valor social que as outras. Isso resulta na compreensão de que a língua está relacionada ao poder, *status*, sendo assim, algumas variantes são consideradas pela sociedade mais “bonitas e corretas” que as outras, todavia, isso não significa que o falante que ainda não se apropriou dessa variedade da língua, deve aceitar a discriminação. Ao contrário, essa conscientização permitirá compreender a importância de ampliar seu conhecimento linguístico para utilizá-lo de acordo com suas necessidades e ambiente que estará inserido.

Dessa forma, a partir de ações como essas, o professor de língua portuguesa estará contribuindo para que o espaço escolar possa cumprir com sua função de promover a cidadania e formar cidadão consciente de todas as mazelas, complexidades e juízo de valores de que nossa sociedade está impregnada, inserindo-o de forma plena na cultura letrada para poder se valer desse bem cultural, que ele tem direito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico - o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes A avaliação dos livros didáticos: para entender o programa nacional do livro didático (PNLD). IN: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. (Org.). *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. P. 25-68.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. P. 529-570.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de Livros didáticos PNLD 2014: apresentação*. Brasília: MEC, 2014.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino. (Org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas Publicações, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós cheguem na escola, e agora?: Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital PNLD 2017*. Portal MEC  
<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/6228-edital-pnld-2017> [Acesso em: /05/2018]

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CASOTTI, Janayna Bertollo Cozer. Marcas de oralidade em entrevista da imprensa escrita In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1448-1459.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S; FARACO; C. A. (orgs.). *Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

COELHO, I, L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COCHAR, Thereza Anália Magalhães; Cereja, William Roberto. *Português: Linguagens*. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

ERBOLATO, M. L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARIA, Maria Alice. *Para ler e fazer o jornal em sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GERALDI, João W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1991.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M.M. Pereira Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

Legislação Informatizada - Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938 -  
Publicação Original Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>>  
Acessado em 12/01/2018.

MARCUSCHI, L.A. A oralidade e o ensino da língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARCUSCHI, L.A. *Concepção e análise da língua falada no livro didático de português de 1º e 2º grau*. Conferência apresentada na 49ª Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, UFMG, 1997.

MARTINS, A. M.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: política de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.). *Introdução à sociolinguística: domínios e fronteiras*, v.2. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. Para compreender Labov. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

O Programa Nacional do Livro Didático no Brasil. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico> Acesso em 09/02/17.

O tratamento da variação linguística no livro didático de português. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2002/1/2007\\_PaulaMariaCobucciRCoelho.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2002/1/2007_PaulaMariaCobucciRCoelho.pdf) Acesso em 20/02/2018.

Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em 13/04/2018.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática nas escolas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, Dino. (Org.) *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

Legislação Informatizada - Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938 - Publicação Original Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 12/01/2018.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado de letras, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. Roxane Rojas e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

ZILLES, A. M. S.; BATISTA, H. R. R. B. (2006). A concordância verbal de 1ª pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: VANDERSEN, P. (org.). *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: Educat.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo, 2015.

**ANEXO 1-** Excerto do texto “Memórias de um aprendiz de escritor” de Moacyr Scliar extraído do livro didático de Cereja e Magalhães do 7º ano.

## Memórias de um aprendiz de escritor

Escrevo há muito tempo. Costumo dizer que, se ainda não aprendi – e acho mesmo que não aprendi, a gente nunca para de aprender – não foi por falta de prática. Porque comecei muito cedo. Na verdade, todas as minhas recordações estão ligadas a isso, a ouvir e contar histórias. Não só as histórias dos personagens que me encantaram, o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreiro, a Cuca, Hércules, Teseu, os Argonautas, Mickey Mouse, Tarzan, os Macabeus, os piratas, Tom Sawyer, Sacco e Vanzetti. Mas também as minhas próprias histórias de meus personagens, estas criaturas reais ou imaginárias com quem convivi desde a infância.

Na verdade, eu escrevi ali em cima. *Verdade* é uma palavra muito relativa para um escritor de ficção. O que é verdade, o que é imaginação? No colégio onde fiz o segundo grau, o Júlio de Castilhos, havia um rapaz que tinha fama de mentiroso. Fama, não; ele *era* mentiroso. Todo mundo sabia que ele era mentiroso. Todo mundo, menos ele.

Uma vez, o rádio deu uma notícia alarmante: um avião em dificuldades sobrevoava Porto Alegre. Podia cair a qualquer momento. Fomos para o colégio, naquele dia, preocupados; e conversávamos sobre o assunto, quando apareceu ele, o Mentiroso. Pálido:

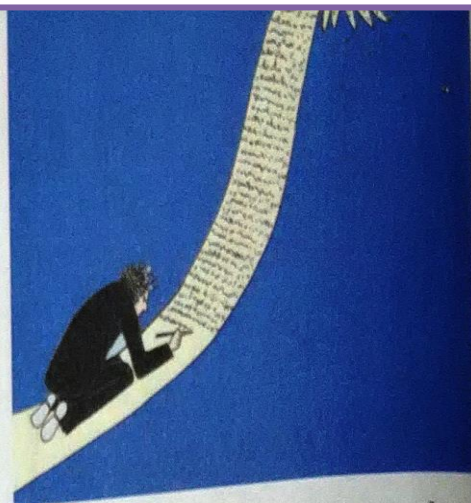
– Vocês nem podem imaginar!

Uma pausa dramática, e logo em seguida:

– Sabem este avião que estava em perigo? Caiu perto da minha casa. Escapamos por pouco. Gente, que coisa horrível!

E começou a descrever o avião incendiando, o piloto gritando por socorro... Uma cena impressionante. Aí veio um colega correndo, com a notícia: o avião acabara de aterrizar, são e salvo. Todo mundo começou a rir. Todo mundo, menos o Mentiroso:

– Não pode ser! – repetia, incrédulo, irritado. – Eu vi o avião cair!



Agora, quando lembro este fato, concluo que não estava mentindo. Ele vira, realmente, o avião cair. Com os olhos da imaginação, decerto; mas para ele o avião tinha caído, e tinha incendiado, e tudo o mais. E ele acreditava no que dizia, porque era um ficcionista. Tudo que precisava, naquele momento, era um lápis e papel. Se tivesse escrito o que dizia, seria um escritor; como não escrevera, tratava-se de um mentiroso. Uma questão de nomes, de palavras.

Palavras. São tudo, para quem escreve. Ou quase tudo. Como a serra, o martelo, a plaina, a madeira, a cola e os pregos para o marceneiro; como a colher, o prumo, os tijolos e a argamassa para o pedreiro; como a fazenda, a linha, a tesoura e a agulha para o alfaiate. Estou falando em instrumentos de trabalho, porque literatura nem sempre parece trabalho. Há uma história (sempre contando histórias, Moacyr Scliar! Sempre contando histórias!) sobre um escritor e seu vizinho. O vizinho olhava o escritor que estava sentado, quieto, no jardim, e perguntava: *Descansando, senhor escritor?* Ao que o escritor respondia: *Não, trabalhando.* Daí a pouco o vizinho via o escritor mexendo na terra, cuidando das plantas: *Trabalhando?* *Não,* respondia o escritor, *descansando.* As aparências enganam; enganam até ao próprio escritor. Gabriel Garcia Marquez conta que, quando senta para escrever, gosta de estar rodeado dos mais variados instrumentos: a máquina, vários lápis, tesoura, cola, borracha, grampeador – para se sentir como um operário que vai empreender a tarefa; o operário em construção, de Vinícius de Moraes: “Era ele quem fazia casas / Onde antes só havia chão”.

As palavras são tudo, você disse, Moacyr? Você mentiu, Moacyr. Mais uma vez você mentiu. As palavras não são tudo, e disso você bem sabe. A emoção conta, caro Moacyr. A emoção, as ideias, as lembranças. [...]

(São Paulo: Nacional, 1984, p. 9-13.)



**aprendiz:** aquele que está aprendendo algo, que está adquirindo conhecimentos e técnicas relativas a alguma atividade.

**argamassa:** mistura de areia, água e cal ou cimento.

**fazenda:** pano, tecido.

**ficção:** coisa imaginária, criação baseada na imaginação.

**ficcionista:** quem escreve ficção, autor de obras de ficção.

**incrédulo:** aquele que não crê, não acredita.

**plaina:** ferramenta manual para desbastar e alisar a madeira.

**prumo:** peça de pedra ou de metal que, presa na extremidade de um fio, é utilizada na verificação da verticalidade de um lugar.

**relativo:** que depende de outra coisa.

**segundo grau:** atual ensino médio.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.





## ANEXO 2 – Normas para transcrição, de acordo com Preti (1999).

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>EXEMPLIFICAÇÃO</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos.	( )	do nível de renda( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre).	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática.	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r).	::podendo aumentar para:: ou mais	ao emprestarem... éh:: ... dinheiro
Silabação.	–	por motivo tran-sa-ção
Interrogação.	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa.	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor.	((minúscula))	((tossiu))

\* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 388 EF e 331 D<sup>2</sup>

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático.	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes.	[ ligando as linhas	A. na [ casa da sua irmã B. [ sexta-feira? A. fizeram [ LÁ... B. [ cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós” ...

ANEXO 3- Estrutura do livro didático “Português: linguagens” do 7º ano, dos autores Cereja e Magalhães (2015).

<b>SUMÁRIO</b>		<b>UNIDADE 1</b>		
		<b>Heróis</b>		
<b>CAPÍTULO 1</b>		<b>A preservação da vida e o equilíbrio cósmico</b>		
 <p>Estrogam - Imaginário/Arquitetura/Studio Cultura e Arte/Arquitetura</p>	<i>Asclépio</i> , Heloisa Prieto .....	12		
	<b>Estudo do texto</b> .....	15		
	Compreensão e interpretação .....	15		
	A linguagem do texto .....	16		
	Leitura expressiva do texto .....	17		
	Trocando ideias .....	17		
	Cruzando linguagens .....	18		
	Ler é um prazer .....	19		
	<b>Produção de texto</b> .....	21		
	O mito .....	21		
	<b>Para escrever com técnica</b> .....	24		
	O narrador .....	24		
	<b>A língua em foco</b> .....	27		
	O verbo (I) .....	27		
	A estrutura do verbo .....	28		
Verbos regulares e irregulares .....	30			
Principais verbos irregulares .....	31			
Formas nominais do verbo .....	33			
Locuções verbais .....	34			
Semântica e discurso .....	35			
<b>De olho na escrita: g ou j? (I)</b> .....	36			
<b>Divirta-se</b> .....	38			
<b>CAPÍTULO 2</b>		<b>Guardião da natureza</b>		
 <p>Lafis</p>	<i>Fotos</i> , Hasibul Wahab .....	39		
	<b>Produção de texto</b> .....	41		
	<b>A língua em foco</b> .....	42		
	O verbo (II) .....	42		
	Tempos do subjuntivo .....	44		
	O subjuntivo na construção do texto .....	48		
	Semântica e discurso .....	49		
	<b>Divirta-se</b> .....	50		
	<b>CAPÍTULO 3</b>		<b>É fácil ser super!</b>	
	<i>Carta aberta ao Homem-Aranha</i> , Lourenço Diaféria .....		51	
<b>Estudo do texto</b> .....		52		
Compreensão e interpretação .....		52		



Everett Collection/Keystone - Brazil

A linguagem do texto .....	54
Leitura expressiva do texto .....	55
Trocando ideias .....	55
<b>Produção de texto</b> .....	55
<b>A língua em foco</b> .....	57
O advérbio .....	57
O advérbio na construção do texto .....	61
Semântica e discurso .....	61
<b>De olho na escrita: g ou j? (II)</b> .....	63
<b>Divirta-se</b> .....	64
<b>Passando a limpo</b> .....	65
<b>INTERVALO</b> Projeto: Heróis de todos os tempos .....	70

## UNIDADE 2

### Viagem pela palavra

#### CAPÍTULO 1 Palavra: entre a ficção e a realidade

Jefferson Galdino



<i>Memórias de um aprendiz de escritor,</i> Moacyr Scliar .....	74
<b>Estudo do texto</b> .....	76
Compreensão e interpretação .....	76
A linguagem do texto .....	78
Leitura expressiva do texto .....	78
Trocando ideias .....	78
Ler é reflexão .....	79
<b>Produção de texto</b> .....	79
O poema .....	79
<b>A língua em foco</b> .....	85
A morfossintaxe: seleção e combinação das palavras .....	85
Sujeito e predicado .....	88
O sujeito e o predicado na construção do texto .....	91
Semântica e discurso .....	93
<b>De olho na escrita</b> .....	94
Acentuação dos ditongos e hiatos .....	94
Acentuação dos ditongos .....	95
Acentuação dos hiatos .....	97
<b>Divirta-se</b> .....	97

## CAPÍTULO 2 Palavra: abrir janelas



<i>O poeta</i> , Sebastião da Gama .....	98
<i>Emergência</i> , Mário Quintana .....	99
<i>Maristela</i> , Bartolomeu Campos de Queirós .....	99
<b>Estudo dos textos</b> .....	99
Compreensão e interpretação .....	99
A linguagem dos textos .....	100
Cruzando linguagens .....	101
Trocando ideias .....	102
<b>Produção de texto</b> .....	102
O cordel .....	102
<b>A língua em foco</b> .....	106
Tipos de sujeito .....	106
Semântica e discurso .....	109
<b>De olho na escrita</b> .....	111
Acentuação: o acento diferencial .....	111
<b>Divirta-se</b> .....	113

## CAPÍTULO 3 A palavra e as portas



<i>O espaço entre as palavras</i> , Rob Gonsalves .....	114
<b>Produção de texto</b> .....	116
O poema-imagem .....	116
<b>Para escrever com adequação</b> .....	118
A concordância do verbo com o sujeito .....	118
Concordância do verbo com o sujeito simples .....	119
Concordância do verbo com o sujeito composto .....	120
<b>A língua em foco</b> .....	121
Verbo de ligação e predicativo do sujeito .....	121
O predicativo do sujeito na construção do texto .....	125
Semântica e discurso .....	126
<b>Divirta-se</b> .....	128
<b>Passando a limpo</b> .....	129
<b>INTERVALO</b> Projeto: Viva a poesia viva! .....	134

## UNIDADE 3

### Eu e os outros

#### CAPÍTULO 1 **Revelação**



<i>Bruxas não existem, Moacyr Scliar</i> .....	138
<b>Estudo do texto</b> .....	139
Compreensão e interpretação .....	139
A linguagem do texto .....	140
Trocando ideias .....	141
Cruzando linguagens .....	141
Ler é reflexão .....	143
<b>Produção de texto</b> .....	144
O texto de campanha comunitária .....	144
<b>Para escrever com coesão</b> .....	148
Os pronomes e a coesão textual .....	148
<b>A língua em foco</b> .....	150
A preposição .....	150
Combinação e contração .....	151
Os valores semânticos das preposições .....	153
A preposição na construção do texto .....	155
Semântica e discurso .....	157
<b>Divirta-se</b> .....	159



#### CAPÍTULO 2 **A alegria do outro**



<i>Foto, Gerald Waller</i> .....	160
<b>Produção de texto</b> .....	162
Argumentação oral: a discussão em grupo .....	162
O que é uma discussão em grupo? .....	162
<b>A língua em foco</b> .....	165
Transitividade verbal, objeto direto e objeto indireto .....	165
A transitividade verbal na construção do texto .....	170
Semântica e discurso .....	171
<b>De olho na escrita: há ou a?</b> .....	172
<b>Divirta-se</b> .....	174

#### CAPÍTULO 3 **A covardia do cyberbullying**



<i>Ódio.com, Juliano Barreto</i> .....	175
<b>Estudo do texto</b> .....	178
Compreensão e interpretação .....	178
A linguagem do texto .....	179
Trocando ideias .....	179
<b>Produção de texto</b> .....	179
O debate deliberativo .....	179

A língua em foco	182
Funções dos pronomes pessoais	182
Variações dos pronomes oblíquos <i>o</i> e <i>a</i>	185
Pronomes retos e pronomes oblíquos	187
Semântica e discurso	189
Divirta-se	191
<b>Passando a limpo</b>	192
<b>INTERVALO</b> Projeto: Seja solidário, seja voluntário!	196

## UNIDADE 4

### Medo e aventura

#### CAPÍTULO 1 Aventura no mar

Jefferson Galdino



<i>Robinson Crusoé</i> (fragmento), Daniel Defoe	200
<b>Estudo do texto</b>	202
Compreensão e interpretação	202
A linguagem do texto	203
Trocando ideias	203
Cruzando linguagens	204
Ler é um prazer	205
<b>Produção de texto</b>	206
A notícia	206
<b>A língua em foco</b>	210
Tipos de predicado	210
O predicado na construção do texto	212
Semântica e discurso	214
Divirta-se	215

#### CAPÍTULO 2 O continente perdido

Ronald Gram/Mary Evans/Dormedia



Jefferson Galdino



<i>Vinte mil léguas submarinas</i> (fragmento), Júlio Verne	216
<b>Estudo do texto</b>	218
Compreensão e interpretação	218
A linguagem do texto	220
Leitura expressiva do texto	220
Trocando ideias	220
<b>Produção de texto</b>	221
A entrevista oral	221
<b>Para escrever com adequação</b>	225
Títulos e legendas	225
Títulos	225
Legendas	225

A língua em foco .....	227
O adjunto adnominal .....	227
O adjunto adnominal na construção do texto .....	229
Semântica e discurso .....	231
De olho na escrita: mal ou mau? .....	233
Divirta-se .....	234

### CAPÍTULO 3 A linha e o risco



Fotos .....	235
Produção de texto .....	237
A entrevista escrita .....	237
A língua em foco .....	241
O adjunto adverbial .....	241
O adjunto adverbial na construção do texto .....	244
Semântica e discurso .....	245
De olho na escrita: mas ou mais? .....	246
Divirta-se .....	248

<b>Passando a limpo</b> .....	249
-------------------------------	-----

<b>INTERVALO</b> Projeto: Aventura em cena .....	253
--	-----

<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	256
---------------------------	-----